

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Articulações psicanalíticas entre paternidade e desamparo

Jhonatan J. Miranda

Belo Horizonte

2015

Articulações Psicanalíticas Entre Paternidade e Desamparo

Jhonatan J. Miranda

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Especialista, sob orientação de Fábio R. R. Belo.

AGRADECIMENTOS

Aos amigos do curso de especialização pelas trocas e companhias.

Aos professores do curso de especialização que muito me ensinaram.

Ao professor Eduardo Gontijo pela amizade e provocações produtivas.

Ao professor Fábio Belo pela amizade, contínua presença, estímulo e pelo conhecimento crítico e sensível.

Ao Alberto pelo companheirismo e aprendizado.

À Thalita, por ser quem é para mim.

RESUMO

O propósito deste trabalho é analisar o desamparo presente na paternidade. A perspectiva e métodos fundamentam-se na psicanálise laplancheana. A teoria de Winnicott e o filme *Si le vent soulève les sables* serviram de objeto para a análise crítica da paternidade contextualizada em uma ordem patriarcal de gênero. Argumenta-se que o conceito de desamparo não pode ser entendido fora da dimensão pulsional, na qual adquire o sentido de um ataque ao eu. A experiência do cuidado de bebês reabre a situação originária do cuidador e evoca conteúdos mortíferos instauradores de desamparo. Através da desconstrução de argumentos winnicottianos, percebe-se que, para homens, esses conteúdos são traduzidos como dominação. Levanta-se a ideia de que a organização social das funções de cuidado em uma ordenação patriarcal distribui o desamparo para mulheres e o afasta de homens. Aponta-se a reiteração das hierarquias de gênero realizada pela teoria winnicottiana e a potencialidade de que outros usos dessa teoria sejam feitos.

Palavras-chave: Psicanálise; Desamparo; Paternidade; Gênero.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| Introdução..... | 01 |
| Capítulo 1: Só há pulsão se houver desamparo, só há desamparo se houver pulsão..... | 03 |
| Capítulo 2: Cuidados generificados e seus problemas..... | 17 |
| Winnicott e as mulheres..... | 17 |
| Mulheres e cuidado..... | 18 |
| Gravidez e seu papel no estabelecimento da preocupação..... | 20 |
| A grande mulher..... | 25 |
| Homens e cuidado..... | 31 |
| E o analista Winnicott?..... | 36 |
| Capítulo 3: O que o vento levanta: o desamparo de Rahne..... | 40 |
| Shasha e Pouzzi..... | 41 |
| Conclusões..... | 49 |
| Referências..... | 50 |

Introdução

O tema da paternidade insere-se num conjunto complexo de elementos contextuais que acompanham as diferentes organizações de parentesco. Ao se voltar para a história ocidental, percebe-se que diversas mudanças ocorreram nessas organizações, sendo que o sentimento de família atual começou a se formar na Europa nos séculos XVI e XVII com a ascensão do sentimento de infância e a valorização das crianças (Ariès, 1981). Os papéis e valores de cada membro foram se alterando de acordo com fatores econômicos, sociais e políticos (Ariès, 1981). Tais fatores históricos auxiliam na compreensão do fenômeno da subjetivação, uma vez que colocam em perspectiva uma dinâmica dos modos de organização familiar ao passo que se rejeita, por conseguinte, as tentativas de essencialização dos lugares de parentesco.

Pode-se considerar que as sociedades modernas e contemporâneas são marcadas por uma ordem patriarcal de gênero, o que implica a existência de um regime social em que a produção dos gêneros aconteça a partir da dominação de homens sobre mulheres (Saffioti, 2009). Nesse contexto, as famílias e seus membros organizam suas atividades de modo a reproduzir e manter as hierarquias de dominação de gênero. Dessa maneira, o estudo sobre a paternidade não pode prescindir dos modos de construção e distribuição dos papéis de gênero, entendidos como intrinsecamente relacionais (Scott, 1995).

A literatura sobre estudos de gênero evidencia mudanças na compreensão sobre a paternidade e as expectativas sobre suas funções. Conceitos como “novo pai” (Freitas, Coelho & Silva, 2007), “paternidade participativa” (Sutter & Bucher-Maluschke, 2008) e “paternidade responsável” (Comel, 2003), para além de um exame crítico sobre suas definições e especificidades, mostram que há um movimento pela construção de novas formas de paternidade que incluam o envolvimento afetivo e a presença dos pais nos cuidados de bebês e crianças. Faz-se importante a desconstrução de uma forma de paternidade mantenedora da ordem patriarcal dos gêneros, segundo a qual homens são vistos como autoridade e detentores das atividades do âmbito público, relegando mulheres ao doméstico.

A psicanálise, inserida no contexto de sociedades patriarcais, não pode se desvincular das determinações dos modos de ordenação dos gêneros. A produção psicanalítica pode repetir (e repete) as desigualdades de gênero quando se propõe a teorizar sobre família.

Conceitos como “função paterna” que atrelam o paterno à lei e aos lugares de salvação da criança do perigo psicotizante da mãe (Lebrun, 2011) ou “mãe suficientemente boa” e “mãe dedicada comum” (Winnicott, 1996) que atribuem às mulheres o cuidado infantil de forma naturalizante, ratificam as desigualdades dos papéis de gênero. Desse modo, faz-se importante o esforço de crítica e desconstrução das desigualdades de gênero, para a compreensão psicanalítica da paternidade, de maneira a não reproduzir teoricamente tais desigualdades.

Parte-se da premissa de que há uma evitação cultural (e psicanalítica) de conceber a paternidade como o envolvimento de homens no cuidado de bebês e crianças. Tal evitação pode ser analisada a partir do que Laplanche (1992) intitula *situação antropológica fundamental*. Essa é uma situação que se repete em todos os grupos humanos e que se configura pela coexistência de no mínimo dois participantes. Por um lado, um bebê desamparado, sem aparelho psíquico, dependente do outro para sobreviver - aquilo que Freud designou por *Hilflosigkeit* em vários trabalhos (cf. Menezes, 2008). Por outro lado, um cuidador inserido na linguagem, marcado pelo recalçamento originário e, portanto, portador de uma sexualidade inconsciente. O “fundamental” presente no conceito diz respeito à inevitabilidade que tal disparidade – entre um adulto e um bebê – possui como condição de instauração do pulsional no bebê e, com isso, sua formação subjetiva.

Quando um homem se percebe participante dessa situação originária na forma de ter que se haver com o cuidado de um bebê, diversas formas de revivescência do desamparo do próprio pai podem se expressar como evitação. Seria o desamparo uma via para a psicanálise contribuir na compreensão das hierarquias de poder que se fazem presentes no cuidados de bebês sem redundar na reiteração de uma ordem patriarcal de gênero? Parte-se da hipótese de que é exatamente o desamparo dos homens, suscitado pelo cuidado dos bebês, o que promove a evitação desse cuidado e a construção da hierarquia como um tipo de engrenagem social que salvaguarda os homens dessa angústia.

O objetivo deste trabalho é compreender o desamparo presente na vivência da paternidade. Para tanto, far-se-á uma leitura de elaborações de Winnicott sobre o ambiente cuidador, entendendo com Laplanche (1992) que todo o cuidado adulto presente na situação originária é pulsional. O filme *Si le vent soulève les sables* de Marion Hänsel (2006) será utilizado como material empírico a ser analisado a partir da temática proposta, a saber: o desamparo na paternidade.

Só Há Pulsão Se Houver Desamparo, Só Há Desamparo Se Houver Pulsão

Si le vent soulève les sables, de Marion Hänsel (2006), é uma narrativa de perdas e muito sofrimento diante da materialidade de um mundo devastador. A diretora descreve seu filme dando grande destaque para o ambiente físico hostil em que a trama se desenvolve, além da relação conturbada relação entre um pai, Rahne, e sua filha, Shasha, principais elementos para o propósito deste trabalho (Cinergie, 2007; Télé Bruxelles, 2013).

A história inicia-se em uma comunidade situada em algum lugar desértico, não especificado, onde há grande escassez de água e a perspectiva é a de que a seca desole de vez o local. Rahne, o pai e chefe de família, resolve partir da comunidade com seus familiares em busca de melhores condições de sobrevivência. Junto a ele e a pequena Shasha, sua filha mais nova, estão também sua esposa Mouna e seus dois filhos homens, Ravil e Ako. Ao longo da andança que se inicia pelas intermináveis paisagens áridas, Rahne perde um a um de seus familiares e posses, até que, no desfecho de seu êxodo, vê-se apenas com Shasha, ambos à beira da morte.

Antes mesmo de um aprofundamento em elementos que dizem respeito mais diretamente à paternidade, o filme evidencia características que remetem a vivências de desamparo, as quais serão trabalhadas neste capítulo. Em entrevista, a diretora Marion Hänsel (Télé Bruxeles, 2013) comenta como percebe o lugar do filme em questão no interior de sua filmografia. Para ela, *Si le vent soulève les sables* (Hänsel, 2006) faz parte de um gradativo aprofundamento pessoal de engajamento em questões ecológicas, em especial sobre o problema da água¹. Sua compreensão é a de que, com uma linguagem mais direta e bem clara, ela pretendeu contribuir politicamente retratando uma situação real em que “não há água e as pessoas morrem²” (Télé Bruxeles, 2013, tradução nossa).

O intuito sensibilizador dado por Hänsel (Cinergie, 2007; Télé Bruxeles, 2013) ao filme é, de fato, um problema teórico e político que também deve ser colocado à psicanálise. O problema da falta de água e todos seus aspectos associados, como o sol escaldante, a imensidão do deserto, as doenças, etc., compõem uma estética da precariedade da condição

¹ Hänsel afirma: “c’est effectivement un film plus militant que ce que j’avais fait auparavant” (Cinergie, 2007).

² “Il n’y a plus d’eau et les gens meurent” (Télé Bruxeles, 2013).

humana frente às forças da natureza. A luta pela sobrevivência física é um dos elementos mais marcantes no filme, embora tal luta não se dê apenas no plano natureza, como se apresentará mais adiante.

Do ponto de vista psicanalítico, pode-se comportar os problemas colocados pelo filme através do conceito de desamparo. Esse estado tantas vezes evocado por Freud (cf. Menezes, 2008) sob a palavra *Hilflosigkeit* refere-se a quê? Deve-se concebê-lo a partir de qual dimensão: biológica, filogenética, relacional, social? Haveria como compreender esse conceito sem uma pregnância da sexualidade inconsciente?

O primeiro uso do termo feito por Freud (2006), ainda no *Projeto para uma psicologia científica*, serve para explicar a situação em que o corpo do bebê é atingido por urgências internas que necessitam de ações específicas para serem supridas – como a nutrição, por exemplo. No entanto, “o organismo humano é, a princípio, incapaz de promover essa ação específica” (p. 370) e depende de ajuda alheia para a satisfação das urgências que lhe afligem. Essa primeira definição de desamparo feita por Freud articula a incapacidade da cria humana sobreviver e se desenvolver sem o auxílio de outro ser humano de um ponto de vista estritamente biológico.

Uma variação do uso do termo que redundava na mesma objetividade está presente em *O futuro de uma ilusão* (Freud, 2006), texto em que Freud alude a um desamparo filogenético, não apenas biológico, como mencionado acima. Na explicação das ideias religiosas, o autor lança mão do argumento de que há uma repetição na ontologia individual das vivências de desamparo real frente às forças da natureza sofridas pelos primeiros agrupamentos humanos. Para o autor, “foi assim que se criou um cabedal de idéias [religiosas], nascido da necessidade que tem o homem de tornar tolerável seu desamparo, e construído com o material das lembranças do desamparo de sua própria infância e da infância da raça humana” (Freud, 2006, p. 27).

Tais caracterizações do desamparo apontam para uma concepção humano versus natureza que poderia ajudar na compreensão da problemática colocada pelo filme de Hänsel (2006). Porém, apresentam uma perspectiva do papel do desamparo na situação originária, segundo a qual o caráter traumático e propiciador do recalçamento originário pode estar reduzido à experiência física de um organismo no mundo. A alteridade se apresenta aqui como propiciadora da vida corpórea, como ajuda à luta pela sobrevivência travada pelo organismo fornecendo-lhe a ação específica que atua sobre as urgências do corpo. Seguindo

tal raciocínio, é preciso haver um elemento de distinção do animal humano dos demais organismos, algo que se coloque no nível próprio de diferenciação entre as espécies, para que se explique toda a cultura ou, pelo menos, sua diferenciada capacidade de se abster e contrariar as determinações que lhe afetam a partir da espécie. Não haveria aí o pressuposto de que, diferentemente das demais espécies e se garantida sua sobrevivência, o organismo humano é capaz de fazer emergir em si mesmo a instância psíquica, como o fruto de uma planta? A marca da alteridade humana se coloca apenas contra a debilidade inicial de um organismo que não se sustenta sozinho frente à natureza?

Laplanche (1992) comenta que em Freud a *Hilflosigkeit* possui uma conotação objetiva, podendo ser definida como “o estado de um ser que, se entregue a si mesmo, é incapaz de ajudar-se por conta própria” (p. 104). Este seria um uso propriamente freudiano do termo, uma vez que no alemão ele comporta um sentido bem mais afetivo. Algumas variações do uso do termo *Hilflosigkeit* por Freud, como aquela apresentada acima, parecem suprimir esse domínio que a palavra sugere. Nas traduções brasileiras, “desamparo”, é possível compreender tal conotação intrinsecamente direcionada ao outro a partir dos vocábulos que a definem, como “abandono”, “estado solitário”, “sem arrimo” (Ferreira, 2009).

No âmbito específico da subjetivação, é fundamental que se abranja também a significação afetiva e relacional do desamparo, ou não puramente “de natureza”, para sustentar o caráter humano da situação originária. Esse esforço teórico é compreendido por Laplanche (1988) como revolução copernicana, ou seja, a abertura teórica que visa abarcar o movimento de centramento e gravitação do ser humano no outro como ponto necessário ao surgimento da instância psíquica. O copernicanismo é sempre confrontado pelo movimento ptolomaico, próprio da constituição psíquica, de um fechamento em si mesmo, rejeitando a alteridade radical, sexual, presente no processo de subjetivação. Dessa forma, sobre a ideia de desamparo, que se coloca no interior da situação originária, recaem as tensões entre os movimentos copernicano e ptolomaico, sendo que tradicionalmente esse último sobressai a partir da concepção de desamparo como um estado de natureza.

O filme de Hänsel (2006) comporta a significação de desamparo dada na forma objetiva homem versus natureza. Mesmo assim, diversos outros elementos que aparecem permeando os infortúnios da família com o deserto e a falta de água permitem entender que não há como falar sobre o desamparo humano sem apresentar, ao mesmo tempo, a dimensão

pulsional que a sobrepõe. A narrativa sobre o êxodo da família pelo deserto carrega outros perigos como a guerra, o assassinato, as trapaças e extorsões. O próprio intuito político atribuído pela diretora (Cinergie, 2007; Télé Bruxelles, 2013) ao filme possui o fundamental aspecto de denúncia dessas situações em que “não há água e as pessoas morrem”, denúncia de um desamparo para um outro. Há uma cena de especial importância para essa discussão em que os personagens principais se deparam com um jovem moribundo deitado no meio do deserto sem água. Seu corpo é esquelético, seco. Nesse momento, ainda no início da travessia, o grupo composto por duas pequenas famílias, alguns cabritos e dois camelos é confrontado pela agonia muda do garoto no chão. Muito além de retratar a força devastadora da natureza e a fragilidade humana, a cena parece registrar o posicionamento político do filme a partir de uma situação de desamparo: é preciso que alguém faça alguma coisa. Rahne lhe dá um pouco de água e a caravana segue para o oeste em busca de sua própria sobrevivência. Ao seguir seu caminho, percebemos, ao fundo da cena, que o moribundo ainda se ergue e dá alguns passos antes de cair novamente, sem forças. A mensagem não poderia ser mais clara: uma pequena ajuda é insuficiente para proteger e amparar quem se encontra em tais estados de desolação e abandono.

Pode-se procurar compreender que o apelo do filme tão bem captado nessa cena se refere a uma das alternativas ao sofrimento indicadas por Freud (2006). Em *O mal-estar na civilização*, Freud (2006) aponta três direções das quais o sofrimento advém: “de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução...; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens” (pp. 84-85).

Em seguida, são apresentadas algumas saídas possíveis para cada uma das três fontes de sofrimento. Com relação especificamente ao embate do humano com a natureza, o autor prossegue:

Contra o temível mundo externo, só podemos defender-nos por algum tipo de afastamento dele, se pretendermos solucionar a tarefa por nós mesmos. Há, é verdade, outro caminho, e melhor: o de tornar-se membro da comunidade humana e, com o auxílio de uma técnica orientada pela ciência, passar o ataque à natureza e sujeitá-la à vontade humana. Trabalha-se então com todos para o bem de todos (Freud, 2006, p. 85).

Freud se mostra aí como um bom moderno que crê e adora a ciência como sendo a grande descoberta que salvará a humanidade de suas mazelas (Latour, 2009). A postura comunitária que sustenta tal crença de “todos para o bem de todos” através da ciência embasa o que alguns autores sistematizaram como uma concepção mais ampliada de desamparo em Freud. Segundo Menezes (2008), o desamparo abarca “muito mais do que uma etapa do desenvolvimento infantil, uma regressão a esse estado de dependência e o núcleo de uma situação traumática” (p. 116). O conceito, entendido como desamparo do psiquismo, permitiria fazer uma ancoragem da vida humana na civilização: “nós construímos a civilização numa tentativa de diminuir nossa *Hilflosigkeit* diante das forças da natureza, dos enigmas da vida e, sobretudo, da própria morte” (Menezes, 2008, p. 116).

A crença positiva na ciência moderna de domínio da natureza pode gerar uma concepção de comunidade humana ou de civilização por demais unificadora e coesa. Essa é uma crença que não se sustenta na análise da vida social, como a trajetória da família de Rahne evidencia. Pode obscurecer os fatores desligantes e destrutivos que permeiam a complexa tecitura chamada por Freud de “comunidade humana”.

Sem dúvida, não se pode deixar de lado que é também a partir da ligação com o outro social que se tornam possíveis as realizações culturais que prezam pela vida coletiva. De um ponto de vista psicanalítico, parece importante que ambas as direções, ligantes e desligantes, sejam consideradas.

Outra perspectiva que pode contribuir para o debate sobre o que é o desamparo a partir de elementos da situação originária é a teoria de Winnicott. Embora afastado teoricamente do caráter sexual presente na teoria laplancheana, Winnicott é um autor que faz valer a indissociabilidade entre a constituição do psiquismo e os cuidados dos adultos aproximando-se com seus conceitos da situação antropológica fundamental. O destaque ao papel dos adultos como parte de um ambiente cuidador é dado desde os primeiros momentos de existência do humano. Assim, a obra winnicottiana permite um adentramento na situação originária de modo a nela situar o desamparo a partir do esforço copernicano.

De acordo com Winnicott (1982a), “não existe tal coisa chamada bebê” (p. 99). Só é possível descrever um bebê como parte de uma relação. Nos primórdios do nascimento, o bebê é concebido dentro de uma unidade, ou seja, não há bebê sem a mãe e não há mãe sem o bebê (Winnicott, 1996). Importante destacar que o autor não recorre ao ponto de vista de um determinismo linguístico, segundo o qual se poderia afirmar que a dialética dos termos

determina os sujeitos em questão, mãe e bebê. O autor é enfático ao longo de sua obra em afirmar a inicial incapacidade do bebê em apreender qualquer coisa que extrapole sua experiência de fusão com a mãe através dos cuidados físicos. Winnicott se debruça na observação dos cuidados com os bebês a partir da materialidade do cuidado: só há bebê se houver *holding* materno. A mãe reconhece e adapta-se à dependência do bebê estabelecendo suas atividades de cuidado a partir de sua identificação com ele. Assim, *holding* é o acolhimento protetivo que a mãe provê ao bebê ao criar um ambiente que atenda suas necessidades (Winnicott, 1996).

Winnicott (1996) torna central essa atividade materna: “Posso tomar tal fato como certo quando vou além e afirmo que o protótipo de todos os cuidados com os bebês é o ato de segurá-los³” (p. 30). Apoiado na imagem do bebê no colo materno, o autor amplia o termo *holding* para todos os cuidados que caracterizam a fusão mãe-bebê e que, a partir disso, é possível que o bebê venha a ser. Na perspectiva do amadurecimento, tal encontro realizado no colo materno direciona o bebê a uma delimitação egoica própria, embora sempre em relação transicional com o mundo (Winnicott, 1975).

Essa breve descrição permite introduzir alguns conceitos que auxiliam na colocação da ideia de desamparo a partir da perspectiva winnicottiana. Mesmo que o autor não tenha feito muitas referências ao termo e, quando o utiliza, é de maneira não sistemática, seu modo de pensar o desenvolvimento psíquico remete constantemente à ideia de desamparo – ou significações dessa ideia que são mais próximas do autor como o abandono e demais termos que evidenciam o caráter afetivo do desamparo. Partindo do *holding* como protótipo de todos os cuidados com os bebês, pode-se melhor caracterizar o desamparo dentro da teoria winnicottiana como seu oposto.

Ao descrever o estágio da dependência absoluta – aquele em que bebê e mãe são uma unidade – Winnicott (1982b) diz:

³ Algumas traduções de textos winnicottianos consultados optam pela palavra "segurar" onde o autor utiliza *holding*. Em nota sobre a palavra, um dos tradutores fornece sinônimos que complementam a significação em português que já marcam a aproximação aqui pretendida entre *holding* e desamparo: “Segurar: tornar seguro, firmar; *amparar*, impedir que caia, agarrar, conter, prender; garantir, afirmar, assegurar; tranquilizar, serenar, sossegar; não se desfazer de, conservar; afirmar, garantir; apoiar-se, precaver-se” (Winnicott, 1996, p.53, grifo nosso).

Todos os processos de uma criatura viva constituem um *vir-a-ser*, uma espécie de plano para a existência. A mãe que é capaz de se dedicar, por um período, a essa tarefa natural, é capaz de proteger o *vir-a-ser* de seu nenê. Qualquer irritação, ou falha de adaptação, causa uma reação no lactente, e essa reação quebra esse *vir-a-ser*. Se reagir a irritações é o padrão da vida da criança, então existe uma séria interferência com a tendência natural que existe na criança de se tornar uma unidade integrada, capaz de ter um *self* com um passado, um presente e um futuro. Com uma relativa ausência de reações a irritações, as funções corporais da criança dão uma boa base para a construção de um ego corporal. Deste modo se lançam as bases para a saúde mental futura (Winnicott, 1982b, p. 82, grifo do autor).

Há um determinismo biológico sobre a constituição subjetiva claramente colocado na citação acima que, de um ponto de vista laplancheano, merece maior atenção. Seria interessante aqui problematizar a complementariedade existente entre o biológico e o psíquico em Winnicott de forma a aprofundar o desamparo em seus escritos de um ponto de vista mais crítico. Tal problematização não será realizada neste trabalho em função da limitação de seu propósito. Feita a ressalva, a citação serve aos objetivos de evidenciar o papel do cuidado materno no momento de dependência absoluta, a função de *holding* como constituidora e salvaguarda da existência subjetiva do bebê, assim como as falhas nesse processo que impedem ou atrapalham o desenvolvimento psíquico. São os momentos de não adaptação ou desadaptação da mãe às necessidades da criança que constituem as falhas ambientais (Winnicott, 1994).

Desse modo, as falhas do ambiente cuidador adquirem grande importância na análise que Winnicott faz do desenvolvimento psíquico. Seus efeitos adoecedores são enumerados pelo autor em cada estágio da dependência presente no processo de amadurecimento (Winnicott, 1982b). Falhas ambientais que se articulam bem com a discussão sobre o estatuto do desamparo são as descritas pelos conceitos de privação e deprivação.

Privação e Delinquência (Winnicott, 1987) contém vários trabalhos em que o autor aborda os conceitos privação e deprivação, ambos são falhas ambientais danosas para o amadurecimento, tendo como consequência o que o autor entende por “tendência antissocial”. A deprivação é o termo empregado por Winnicott para se referir à

perda de algo bom que foi positivo na experiência da criança até uma certa data, e que foi retirado; a retirada foi estendeu-se por um período maior do que aquele em que a criança pode manter viva a lembrança da experiência (Winnicott, 1987, p. 131).

O autor entende que o sentimento da criança deprivada é o de que os cuidados ambientais lhe foram roubados, sinalizando para o fracasso ambiental em termos de ausência de cuidados. Ressalta-se que a ocorrência da deprivação requer que já tenha havido uma organização psíquica configurada de modo que o fracasso ambiental signifique algo para a criança.

Na mesma direção, porém, mais radicalmente, a privação diz respeito a uma grande deficiência da provisão ambiental já nos tempos mais primitivos da vida do bebê e que o direcionam para a morte física e psíquica e à tendência a organização de defesas psicóticas.

A descrição das falhas ambientais para a caracterização da privação e da deprivação dizem respeito, de modo geral, a uma ausência de cuidados, seja em sua retirada ou em sua inexistência. Retornando ao filme, é possível compreender a cena já descrita – a do rapaz agonizante e o ato de Rahne lhe fornecer um pouco da água que possuía - como remetendo ao desamparo na situação originária. A hidratação de um bebê é obviamente fundamental para sua sobrevivência e sua ausência ou privação, impede a continuidade de sua existência física e psíquica nesse momento de extrema dependência de cuidados em que “a fisiologia e a psicologia ainda não se tornaram separadas” (Winnicott, 1982b, p. 48).

O gesto de cuidado efetuado por Rahne fornecendo algo tão primário à sobrevivência como a água, se lido a partir de Winnicott, transforma a concepção de desamparo retratada na cena. A perspectiva do desamparo biológico e filogenético, ou seja, da incompletude do corpo humano, em especial sua precariedade frente à natureza devastadora – desértica, no caso - é conduzida ao âmbito relacional. Há um pedido de água, mesmo que da boca do garoto moribundo (ou do bebê) não saiam palavras que configurem tal pedido. Em suma, o desamparo no interior da teoria winnicottiana aparece como falha ambiental e, como tal, é sempre uma requisição a um outro, uma dependência.

De modo mais radical, a descrição de Winnicott (1990) sobre os estágios pré-primitivos evidencia sua ênfase afetivo-relacional que marca a cena primária. O autor insere um paradoxo para pensar o que caracteriza o bebê antes do estabelecimento da dependência através da ideia que “no princípio há uma solidão essencial” (p. 153). Diferentemente de Freud (2006) que caracteriza o desamparo do bebê como o estado de um organismo

inacabado, Winnicott (1990) o descreve já a partir de “condições de dependência máxima” (p. 154), contradição explícita para ele próprio e que constrói seu paradoxo. O próprio nome desse “estado de solidão” que é anterior à dependência e pré-objetal já faz necessariamente a referência ao seu antônimo que caracteriza a dependência, um “estar acompanhado de”. Vale notar que o autor não recorre à descrição biologicista e insere na condição de desamparo primordial um valor afetivo, embora seu texto não pareça excluir a condição orgânica do bebê. O problema teórico que se coloca é a pressuposição de alguma organização egoica que, por assim dizer, anseia pelo cuidado para não retornar à solidão essencial, como fica implícito: “O bebê (ou o feto) não tem capacidade alguma de se preocupar com a morte. No entanto, deve existir em qualquer bebê a capacidade de se preocupar com a solidão da pré-dependência, já que esta foi de fato experimentada” (Winnicott, 1990, p.155).

O interesse aqui não é resolver o paradoxo criado pelo autor, mas ressaltar que uma concepção winnicottiana do desamparo do bebê na situação originária não pode prescindir do afeto que se faz presente na relação de dependência. O *holding* faz a passagem da solidão para a existência psíquica do bebê dentro da unidade mãe-bebê. Assim, a solidão essencial que o ser vivo experiencia inicialmente se torna um risco constante e que se faz presente quanto o ambiente fracassa. Como o autor afirma:

Com exceção do próprio início, não haverá jamais uma reprodução exata desta solidão fundamental e inerente. Apesar disso, pela vida afora do indivíduo continua a haver uma solidão fundamental, inerente e inalterável, ao lado da qual continua existindo a inconsciência sobre as condições indispensáveis a este estado de solidão (Winnicott, 1990, p. 154).

Algo parecido pode ser pensado com o filme de Hänsel (2006). A andança da família pelo deserto pode ser vista a abertura criada pela falha dos cuidados maternos: a privação de água leva os personagens a ingressarem em experiências agoniantes. Os elementos que compõem o espaço comum num primeiro momento como as casas, as outras famílias, as reuniões para discussão do futuro da vila ou para cantar e dançar, tudo isso vai se desfazendo. Tomam a cena as areias de um deserto sem limites e o silêncio. Segundo Hänsel, seus filmes repetem alguns desejos próprios:

Eu acho que eu tenho um desejo de natureza, tenho um desejo de silêncio, tenho um desejo pelos grandes espaços ... as paisagens se tornam como protagonistas e frequentemente meus personagens estão fechados. Pensa-se que a paisagem como

essa é a liberdade total e não, essa paisagem é tão gigantesca que se torna quase claustrofóbica, os personagens não pode sair do lugar, eles estão fechados no deserto⁴ (Télé Bruxelles, 2013).

Dessa maneira, acompanhando a citação com Winnicott, entende-se que a saída dos limites partilhados em ambiente acolhedor dá lugar ao colapso da instância egoica e sua dissolução no gigantesco vazio tão bem representado pelo deserto e pelo silêncio no filme. No entanto, a diretora coloca um problema que complica o paradoxo winnicottiano: Há desejo e, ao contrário da libertação, há clausura. Embora não discorra sobre o assunto, o autor escreve:

O desejo de alcançar esse estar sozinho é bloqueado por diversas ansiedades, e por fim ele se oculta no interior da capacidade da pessoa saudável de estar a sós e se fazer cuidar por uma parte do self especialmente destacada para tomar conta do todo (Winnicott, 1990, p. 154).

Assim, o paradoxo colocado por Winnicott com a ideia de solidão essencial, além de apresentar uma forma própria de abordar o desamparo do bebê, é acompanhado de desejo, como um polo de atração. Parece difícil justificar a presença desse desejo a partir do próprio estado de solidão de um organismo com ele mesmo.

Novamente retornando à cena do garoto agonizante, pode-se ir mais além da interpretação acima que se coloca num plano descritivo de estados do ser do bebê: ou acolhido ou sozinho e esperando pelo cuidado do outro. Pode-se perguntar: por que se alimentam os bebês? Ou colocando a pergunta dentro da cena do filme: por que dar água a um rapaz desidratado e desnutrido sem forças para se colocar em pé no meio do deserto? Este é, sem dúvida, um amparo inútil para a sobrevivência, ele morrerá de qualquer forma. Logo em seguida, quando o grupo recomeça a andar, Assombo – um companheiro da vila que

⁴ “Je pense que j'ai un besoin de nature, j'ai un besoin de silence, j'ai un besoin des grandes espaces ... les paysages devienne comme protagonistes et souvent mes personnages sont enfermés. On pense que de paysage comme ça c'est la liberté total et non, ce paysage est tellement gigantesque qu'il devient presque claustrophobique, les personnages ne peuvent pas sortir de ce lieu, ils sont enfermé dans le desert”.

segue com esposa e filha durante uma parte do trajeto – constata o óbvio: “este garoto vai morrer⁵⁶”.

A esse respeito, o impasse que a cena cria é ilustrativo para se pensar a situação antropológica fundamental, enfatizando dessa vez o lado do adulto. Rahne e seus familiares têm grandes chances de terem o mesmo destino que o garoto quase morto de sede no chão de um deserto sem fim. Assim como ele, vários outros não resistem àquela jornada e morrem. Em vários momentos esse fato é anunciado na narrativa e dá base para a grande economia de água que fazem em seu percurso. Ainda assim, é com sacrifício e com dúvidas que a sobrevivência é oferecida, um gesto permeado por afetos conflitantes, aspecto esse enfatizado já que, em se tratando do filme, o ato é em vão. Portanto, todo o ato que supre de alguma forma o desamparo dito de natureza não pode ser desvinculado dos afetos conflitivos que o permeiam. Esse argumento é importante para a desmistificação do papel do cuidador, comumente atribuído às mães, como resultante de processos naturais.

O comentário de Freud para a terceira fonte de sofrimento, a saber, a proveniente de outros homens, aponta para essa direção:

O sofrimento que provém dessa última fonte talvez nos seja mais penoso do que qualquer outro. Tendemos a encará-lo como uma espécie de acréscimo gratuito, embora ele não possa ser menos faticamente inevitável do que o sofrimento oriundo de outras fontes (Freud, 2006, p. 85).

A ressalva feita por Freud sobre a tendência a subestimar o sofrimento proveniente da relação com outros homens deve ser levada em consideração. No conjunto do filme (narrativa e concepção), a privação de água é colocada no interior de várias relações humanas: entre países, étnicas, raciais, familiares, etc. Como já comentado, há trabalho para o bem comum no meio social, mas há muito espaço também para o uso da natureza como forma de instauração de desamparos. O uso sádico é facilmente apreendido no filme nas várias situações em que as pessoas que precisam vagar em busca de água são roubadas, enganadas, extorquidas e apossadas como capital de guerra. Dessa forma, o desamparo encontrado no

⁵ Todas falas do filme que forem citadas são de tradução nossa e o original se encontra em rodapé.

⁶ “Ce garçon va mourir”.

que veio a ser considerado como natureza⁷ passa a ser compreendido a partir de um lugar que não é natural e se torna mais fácil captar os adjetivos sexuais que o acompanham. Num trecho já mencionado de Freud (2006) a presença do sexual é marcante na compreensão de como sanar o desamparo do homem frente a natureza: através de sua dominação e sujeição à vontade humana. Dessa forma, todo o sofrimento engendrado no filme, mesmo o mais isolado ser no meio do deserto que seca por falta de água, é um sofrimento perpassado pelo sexual.

As duas soluções freudianas ao desamparo frente à natureza, entendidas de forma complementar, podem auxiliar nesta problematização do estatuto do desamparo. A primeira solução implica no afastamento da natureza e a segunda na união da comunidade humana para sua dominação. Efetivamente, o ser humano se afasta da natureza na medida em que se constitui socialmente e só pode vivenciar esse afastamento atravessado por uma sexualidade radicalmente vinda do outro. Desse ponto, todo desamparo frente à natureza é entendido como referido ao mundo dos afetos e sua construção é dada no interior das relações pulsionais.

A agonia despertada pela situação real de milhões de pessoas que morrem por falta de água, comida e toda a violência que a miséria engendra mobiliza no interior de *Si le vent soulève les sable* (Hänsel, 2006) algumas possibilidades protetivas para a família que atravessa toda essa desolação. Bem em consonância com o louvável propósito político da diretora (Cinergie, 2007, Télé Bruxelles, 2013), símbolos do mundo ocidental aparecem no filme ao menos por três vezes e ocupam a função de apontar para uma saída. A partir dos olhos de Shasha o espectador é conduzido a ver dois aviões. O primeiro surge em um importante momento em que Rahne finalmente se dá conta que está sendo trapaceado por Lassong – um militar que lucra com a miséria das pessoas que perambulam pelos desertos atrás de água –, o qual planeja matá-los e roubá-los no dia seguinte. Mesmo assim, Rahne resolve seguir os rabiscos em um mapa que o militar lhe deu. Uma sequência de elementos acompanha a decisão de Rahne renunciando o desastre: Mouna sangra; o grupo se depara com o garoto agonizando; uma criança chora; Rahne e Assombo decidem se separar. Enquanto todos dormem, Shasha está deitada olhando para cima. Exausta, aponta o dedo para

⁷ Vale notar que a própria ideia de natureza não é natural. Suas diferentes imagens acompanharam e acompanham as mais diversas formas de conhecimento. Cf. Abrantes (1998).

o céu e dorme ao mesmo tempo. A câmera coloca-se no seu olhar. Entre a vigília e o sono, ela vê um avião cruzando o enorme céu do deserto. Um símbolo ocidental que aparece como um quase sonho, uma esperança muito distante. O avião gera uma descontinuidade com o contexto da cena, é um elemento externo e marca o abismo entre aqueles que estão lá em cima, superiores, e os que rastejam embaixo no nível da sobrevivência física. Em outro momento, os olhos da garota também procurarão o céu, mas só avistará a lua, como que enclausurando todos eles naquela imensidão desesperadora. Mais para o final da trama, quando só restam Shasha e Rahne, a garota aponta para o céu e pergunta para o pai: “Pouzzi, está vendo o avião? Talvez estejam olhando pra nós”. Rahne responde: “Eu acho que eles nem sabem que nós existimos⁸”. O diálogo evidencia o estado de desamparo presente na relação completamente desproporcional entre o “nós” e o “eles” que se estabelecem mais claramente nessa fala fazendo eco ao apelo da diretora. Por fim, terminada a travessia pelo deserto, a figura externa surge como salvadora. O *holding* se estabelece na imagem do abrigo em um campo da ONU e o fornecimento de comida por uma mulher branca. A concretização de uma salvação branca e ocidental traz à tona a ambiguidade desse cuidado (Mouton, 2010) e deixa o espectador com o desconforto gerado pelos conteúdos mortíferos não enunciados.

O filme de Hänsel (2006) é uma coprodução belgo-francesa que se propõe a tratar o problema da água a partir da sensibilização de situações reais que ocorrem com populações negras africanas (Cinergie, 2007; Télé Bruxelles, 2013). Por mais que a diretora reconheça os problemas envolvidos na relação de países da Europa e os Estados Unidos da América com países africanos⁹ (Cinergie, 2007), seu filme pode ser entendido a partir da figura ilusória de um *holding* pacífico, não sexual, no sentido que Winnicott (1982c) procura dar para os cuidados maternos. Se por um lado as relações perversas e mortíferas que compõe as relações

⁸ “Pouzzi, tu vois l’avion? C’est, peut être, qu’il nous cherchent”. / “Je pense qu’ils savent même qu’on existe”.

⁹ “Il y a des armées rebelles et on ne sait pas très bien qui les alimente, qui les arme... Bien qu'on sache que c'est principalement les Etats-Unis et l'Europe qui les fournissent! C'est encore pire de savoir que l'on est nous, Européens, responsables de ces guerres fratricides. Mon film touche toutes ces problématiques...” (Cinergie, 2013). Discorda-se da última afirmativa, pois, embora essa problemática possa estar presente de forma latente no filme, não é enunciada claramente e a cena final vai na direção contrária de uma problematização sobre situação política entre esses países e grupos.

colonizador-colonizado e brancos-negros são obscurecidas no filme, na situação originária tais conteúdos inevitavelmente presentes no *holding* enquanto falhas ambientais se tornam inconscientes. As práticas históricas e atuais de sustentação da guerra racial e colonial são apagadas da cena, quando brancos ocidentais aparecem apenas como salvação. Silencia-se e não nomeia-se sua presença que se dá por meio das armas, da promoção de guerras étnicas, das colonizações, da exploração de recursos, etc. O mesmo se poderia dizer da relação entre cuidador e recém-nascido sobre a presença de desejos de abandono, de tortura ou de devoração, por exemplo.

Dessa forma, a relação de dependência que caracteriza o desamparo em Winnicott como falha ambiental, sofre modificações uma vez que se sexualiza o ambiente. A dependência torna-se uma abertura ao sexual do outro numa relação desproporcional. O desamparo de uma relação intersubjetiva primordial transforma-se, do ponto de vista intrasubjetivo, em um desamparo contra o sexual que se tornou inconsciente.

Até aqui buscou-se explorar a ideia de desamparo em diferentes acepções. Inicialmente o desamparo é remetido ao universo da natureza, lugar onde Freud o concebe na cena originária a partir de um ser inacabado que não é capaz de se ajudar. Com Winnicott o desamparo ganha maiores feições afetivas ao ser colocado necessariamente em relações de dependência. Ao se adentrar na situação originária, entendida de modo radicalmente relacional com Winnicott, percebe-se que não é possível compreendê-la como sendo composta por, de um lado um bebê desamparo e, de outro lado, um adulto que cuida, como se houvesse uma complementariedade natural. O desamparo do bebê revela que há desejo no cuidar e perigos – ou ansiedades – advindos das falhas que acompanham tal desejo. Questionou-se a concepção de desamparo que subjaz essa noção tomando como reais os conteúdos mortíferos que se fazem presentes junto do *holding*, transformando o desamparo da dependência no desamparo como uma abertura ao sexual adulto que, recalcado, torna-se conteúdo atacante.

Cuidados Generificados e seus Problemas

A perspectiva relacional de Winnicott permite vislumbrar a ideia de desamparo no interior da situação originária como falha de cuidados ambientais. Essa ideia é interessante na medida em que abre espaço para identificar elementos inconscientes sexuais no ambiente que falha, ou seja, nos adultos que compõe a cena originária. O desamparo, portanto, está sendo tomado também com o significado como resultante de um ataque: inicialmente como ataque do outro que cuida e, posteriormente, um ataque interno sofrido pelo eu e decorrente da situação de dependência.

O intuito deste capítulo é problematizar a designação presente em Winnicott da função de cuidador como sendo exclusivamente das mães/mulheres. A partir da perspectiva laplancheana, serão levantados e discutidos alguns argumentos winnicottianos direcionando o texto para a reflexão sobre os motivos de afastamento dos pais dos cuidados infantis diretos.

Winnicott e as Mulheres

Para avançar na introdução da temática de gênero a ser trabalhada, a declaração winnicottiana é valiosa:

Penso que todo mundo possui um interesse maior, um impulso motor profundo em direção a algo. Se a vida de alguém dura o suficiente, de tal modo que essa pessoa possa olhar para trás, ela poderá discernir uma tendência urgente que integrou todas as diversas e variadas atividades de sua vida profissional e de sua vida privada.

No meu caso, já posso ver em meu trabalho o importante papel desempenhado pelo impulso de descobrir e valorizar a boa mãe comum (Winnicott, 2011, p. 117).

Essa tendência urgente ou impulso motor profundo pode levar o leitor laplancheano a suspeitar que haja indícios de uma exigência de trabalho (Laplanche, 1988). Um motor pulsional que mobiliza a teorização do autor e que precisa ser colocado para trabalhar. A investigação de uma exigência dessas ultrapassa em muito, sem dúvida alguma, os limites do presente estudo. No entanto, uma vez que a direção dada pelo autor refere-se à situação originária, vislumbra-se a hipótese de que “descobrir e valorizar a boa mãe comum” diz respeito a uma exigência que aproxima-se da temática de gênero e de seu papel na constituição subjetiva, aspectos esses abarcados no objetivo deste trabalho. Vale ressaltar que

a percepção de Winnicott sobre sua vida profissional e privada consiste já em uma elaboração secundária com a qual o autor aponta a exigência, mas se defende dela. Outro momento em que esse impulso pode estar presente é a palestra “Este Feminismo” na qual Winnicott aborda diretamente as relações de gênero. A introdução de sua fala é instigante:

Esta é a coisa mais perigosa que eu fiz nos últimos anos. Naturalmente, eu não teria escolhido esse título, mas estou disposto a assumir quaisquer riscos que estejam envolvidos e seguir adiante, fazendo uma afirmação pessoal.

Será que posso admitir como verdade que homens e mulheres não são exatamente iguais...? (Winnicott, 2011, p. 183).

Aqui a temática dos gêneros é perigosa e gera riscos pessoais. Mesmo sendo de maior interesse o seu trabalho como psicanalista, não se pode deixar de destacar que, para analisar sua obra, não é possível ignorar aspectos que circundam ou atravessam o próprio autor e que se presentificam em seu fazer teórico como preferências e afastamentos. Muito se debate sobre o lugar dos pais na obra de Winnicott onde se percebe ausência, extensão das funções maternas ou funções específicas, mas dispersas em seus trabalhos (cf. Belo, Rêda & Fidélis, no prelo; Reeves, 2013; Rosa, 2014). O próprio autor reconhece esse afastamento em falar dos pais como parte da exigência mencionada:

Sei que os pais são tão importantes quanto as mães, e realmente um interesse na maternagem inclui um interesse nos pais e na parte vital que eles desempenham nos cuidados dos bebês. Quanto a mim, no entanto, é às mães que me sinto profundamente compelido a me dirigir (Winnicott, 2011, p. 117).

Dessa forma, uma maneira de abordar o tema da paternidade em Winnicott pode ser o de primeiramente passar pelas suas justificativas sobre a prevalência da maternidade.

Mulheres e Cuidado

A obra de Winnicott é enfática no que diz respeito à definição dos lugares de gênero nas tarefas de cuidado e endossa uma visão de família heteronormativa (Belo et al., no prelo). O autor não hesita em afirmar que são as mães - e, em última instância, as mulheres - que devem se ocupar dos cuidados infantis:

Agora podemos dizer por que consideramos a mãe do bebê como a pessoa mais adequada para cuidar daquele bebê; é ela que pode atingir este estado especial de

preocupação materna primária, sem ficar doente. Porém uma mãe adotiva, ou *qualquer mulher* que possa ficar doente no sentido de apresentar uma ‘preocupação materna primária’, pode ser capaz de se adaptar suficientemente bem, por ter alguma capacidade de se identificar com o bebê (Winnicott, 1982c, p. 497, grifo nosso).

Winnicott endereça à mãe leitora/ouvinte vários textos e palestras radiofônicas (Winnicott, 1982a, 1987, 1999) em que lhe fala sobre o sentido do cuidado dos bebês. Ao fazer isso, afirma também que não pretende ensiná-la como deve se sentir e se portar com seus filhos, pois ela “age naturalmente” (Winnicott, 1982a, p. 4). Por ora, a despeito do sentido do “naturalmente”, fica evidente até aqui que, para Winnicott, é incoerente um homem saber sobre o que é cuidar de filhos:

Para começar, você ficará aliviada, leitora, quando souber que não tenciono explicar o que tem a fazer. Sou homem e, portanto, jamais poderei saber, na verdade, o que se sente ao ver ali embrulhado uma parcela do meu próprio ser, um pedaço de mim vivendo uma vida independente ... Só uma mulher pode sentir isso e, talvez, só uma mulher possa até imaginar essa experiência quando, por infortúnio de uma ou outra espécie lhe falta a prova real e concreta (Winnicott, 1982a, p.15).

Dessa maneira, Winnicott vê importância em diferenciar os gêneros no que diz respeito a quem sabe sobre cuidados de recém-nascidos e de se colocar a partir dessa diferenciação. Nesse texto, “Um homem encara a maternidade¹⁰” (Winnicott, 1982a), o autor evidencia sua posição de exterioridade em relação ao cuidado infantil. A tradução portuguesa do título capta bem os problemas de gênero que estão presentes: é preciso alguma coragem para que homens encarem a maternidade ou, em outros termos, as tarefas de cuidado a ela atribuídas. Quais perigos precisam ser encarados?

Como já mencionado, as tarefas de cuidado com crianças recém-nascidas são caracterizadas pelo *holding*. Sobre esse conceito, o autor compreende a atividade ampliada de segurar o bebê, ou seja, todos os cuidados dispensados pelo adulto que, identificado com a criança, adquire sensibilidade acerca das necessidades dela. Trata-se de uma “adaptação sensível” (Winnicott, 1982b, p. 82) ou uma “*adaptação viva às necessidades do lactente*” (Winnicott, 1982b, p. 52, grifo do autor). Com esses termos, Winnicott quer dizer que é o ambiente que precisa se adaptar ao bebê, mas não de uma maneira mecânica, como uma

¹⁰ O título original é “A man looks at motherhood” (Cf. Hjulmand, 1999).

máquina poderia fazer (cf. Winnicott, 1996, p. 30). Porém, junto com as máquinas, também os homens ficam de fora dessa capacidade de adaptação sensível às necessidades do bebê. Portanto, em que consistiria esse “privilegio” que Winnicott concede às mulheres como aquelas mais capazes de fornecer *holding* aos bebês? Abordar os motivos dados pelo autor para essa diferenciação de gênero pode auxiliar na apreensão de elementos que, na configuração pulsional do bebê winnicottiano, limitam o ingresso de homens na situação originária.

Gravidez e seu papel no estabelecimento da preocupação

Ao se debruçar sobre o conceito de *preocupação materna primária*, condição para o *holding* do recém-nascido, Winnicott apresenta o primeiro argumento a ser debatido que sustenta, em sua concepção, o papel exclusivamente materno do cuidado infantil:

Dentre as teses que defendo, há uma especial: a de que as mães, a não ser que estejam psiquiatricamente doentes, se preparam para a sua tarefa bastante especializada durante os últimos meses de gravidez, mas que gradualmente voltam ao seu estado normal nas semanas e meses que se seguem ao processo de nascimento (Winnicott, 1996, p. 30).

A gravidez é colocada como fator determinante para ser capaz se adaptar às necessidades dos bebês. O saber natural das mulheres sobre os bebês é atribuído ao corpo que elas possuem:

É importante neste contexto examinar as mudanças que ocorrem na mulher que está em vésperas de ter um nenê ou que recém teve um. No início, essas mudanças são quase fisiológicas, e começam com a sustentação física do bebê no útero ... Sem dúvida as mudanças fisiológicas sensibilizam a mulher para as mudanças psicológicas mais sutis que se seguem" (Winnicott, 1982b, pp.51-52).

Novamente, vê-se em Winnicott a dimensão psíquica surgir da dimensão fisiológica do corpo. A mesma sequência que o autor estabelece ao descrever a dependência absoluta, como mencionado anteriormente, pode ocorrer durante a gravidez. Mesmo que haja uma naturalização dos cuidados dos bebês a partir do corpo das mulheres, o autor não conclui a existência de uma determinação física total, como se segue:

Algo poderia estar faltando, contudo, se a expressão 'instinto materno' fosse usada em sua descrição. O fato é que normalmente a mulher muda em sua orientação sobre si

mesma e sobre o mundo, mas por mais que essas mudanças sejam baseadas na fisiologia elas podem ser distorcidas por falta de saúde mental da mulher. É necessário pensar nestas mudanças em termos psicológicos, e isto a despeito do fato de poder haver fatores endócrinos que podem ser afetados pela medicação (Winnicott, 1982b, p. 51).

Há uma preponderância da determinação fisiológica que pode ser ou não distorcida por fatores psicológicos. Como o ponto de partida da argumentação winnicottiana sobre o cuidado dos bebês é fisiológico procura-se compreendê-lo como um desvio biologizante (Laplanche, 1992), ou seja, uma tática defensiva que evita o reconhecimento do sexual alteritário¹¹.

Um contraponto ao predomínio da sequência fisiologia-psicologia parece estar contido na seguinte ideia: “Quando uma mulher tem uma forte identificação masculina, é-lhe extremamente difícil atingir esta parte de sua função materna e uma inveja do pênis reprimida deixa pouco espaço para a preocupação materna primária” (Winnicott, 1982c, p.494). Aqui pode-se deduzir uma inversão ou uma grande sobreposição do psicológico (o campo das identificações) sobre o fisiológico. A depender das identificações do cuidador que acompanham sua participação na situação originária, a capacidade de adaptação às necessidades do bebê manifesta-se ou não.

Outro ponto que pode ser levantado contra o argumento da gravidez refere-se ao que foi evocado no capítulo anterior, a partir da cena do garoto agonizante, sobre a presença de sacrifício na situação originária. Nessa direção, Winnicott (1982c, 1996) discorre sobre mulheres que não são capazes de manifestar a preocupação materna primária: “Muitas mulheres temem que esta condição vá transformá-las em vegetais, e então elas se prendem aos vestígios de uma carreira como a um salva-vidas e nunca se entregam por completo, nem mesmo temporariamente, a um envolvimento total” (Winnicott, 1996, p. 83). Assim como em outro momento e na mesma direção:

Certamente, existem muitas mulheres que são boas mães sob todos os outros aspectos e que são capazes de manter uma vida rica e proveitosa mas que não conseguem

¹¹ Laplanche (1992) define desvio biologizante a partir das mudanças teóricas realizadas por Freud ao longo de sua obra em relação a ideia de uma sexualidade adulta como um fator fundamental para o recalçamento originário. O desvio que vai do alteritário ao biológico refere-se ao movimento presente dentro da obra freudiana, segundo essa leitura. A utilização desse conceito na leitura de textos de Winnicott diz respeito às escolhas epistemológicas e metodológicas aqui adotadas, entendendo a obra winnicottiana num continuum de produção psicanalítica que se inicia com a sexualidade alteritária em Freud.

atingir esta 'doença normal' que as capacitaria a se adaptar delicada e sensivelmente às necessidades iniciais do bebê; ou então a atingem com um filho e não com outro. Estas mulheres não são capazes de se preocupar com seu próprio bebê, a ponto de excluir outros interesses, da maneira que é normal e temporária. Pode-se supor a existência de uma 'fuga para a sanidade' em algumas dessas pessoas. Algumas delas podem certamente ter preocupações alternativas muito grandes, que não abandonam facilmente, ou podem bloquear esta entrega até que tenham tido seus primeiros bebês (Winnicott, 1982c, p. 494).

A concepção de que a preocupação materna primária consiste em um estado doentio ao mesmo tempo em que normal, fruto de uma entrega natural, coloca uma aparente contradição que se expressa mais claramente entre os termos presentes nas expressões "doença normal" e "fuga para a sanidade". Colón (2009) desfaz a contradição ao afirmar que é a perspectiva do filho (suas necessidades) que opera como critério, resultando no caráter negativo para o que seria a saída emancipatória da mulher, a saúde. Entende-se que não há um vínculo necessário entre doença e maternidade (paternidade ou qualquer outro lugar de cuidado), saúde e "preocupações alternativas", como uma vida profissional, etc. Porém, a partir dos termos utilizados pelo autor, evidencia-se um incentivo teórico a um prejuízo dito natural a partir do gênero ou, como resume Colón (2009), à sujeição das mulheres a partir da figura materna. Dessa forma, a tentativa de naturalização da maternidade prejudica a transformação da ordem patriarcal de gênero (Saffiotti, 2009).

Note-se que há uma concorrência entre "preocupações alternativas muito grandes" e a supostamente principal preocupação materna primária. Essas alternativas à dedicação com recém-nascidos, mais do que meras fugas à entrega natural, podem ser entendidas como identificações concorrentes que se articulam ou não com os gêneros e que se contrapõem à maternidade. O mesmo poderia ser pensado para os impedimentos ao empenho de homens no cuidado de bebês. Chama a atenção aqui o termo preocupação, muito utilizado pelo autor no trecho citado para avaliar a dedicação materna aos cuidados. A capacidade de se preocupar ou de *concern* é descrita por Winnicott como

o elo entre os elementos destrutivos do relacionamento instintivo com o objeto, e os outros aspectos positivos de se relacionar ... a ansiedade sobre os impulsos do id e as fantasias destes impulsos se tornam toleráveis para o bebê, que pode então

experimentalizar culpa, ou pode retê-la totalmente, na expectativa de uma oportunidade para fazer a reparação dela (Winnicott, 1982c, pp. 77-78).

Desse modo, a capacidade para se preocupar consiste na integração da ambivalência afetiva a partir da sobrevivência do objeto, o que possibilita à criança sentir culpa e confiar que a reparação de sua destrutividade seja possível. Ressalta-se que o desenvolvimento dessa preocupação descrita pelo autor depende da sobrevivência do objeto e independe de qualquer gênero. Ao entender o termo “preocupação materna primária” a partir da definição da capacidade de se preocupar, percebe-se que ela não é um atributo particular de um gênero e diz respeito mais à confiança na reparação do que se pode entender como falhas no cuidado do que a uma sensibilidade exacerbada.

O caráter doentio dessa adaptação às necessidades da criança destacado por Winnicott pode ser mais explorado. O autor o descreve da seguinte forma:

Este estado organizado (que, não fosse pela gravidez, seria uma doença) poderia ser comparado a um estado retraído, ou a um estado dissociado ou uma fuga, ou mesmo a uma perturbação a um nível mais profundo, tal como um episódio esquizóide, no qual algum aspecto da personalidade assume temporariamente o controle (Winnicott, 1982c, p. 494).

Parece importante valorizar alguns aspectos presentes nesse estado de cuidado dedicado ao mesmo tempo em que se critica sua marcação generificada. A descrição acima pode ser resumida em três partes: há um grande afastamento das demais atividades que mobilizavam o conjunto daquela personalidade; ocorre uma cisão no interior dessa personalidade; um elemento torna-se dominante. De fato, o cuidado de recém-nascidos frequentemente envolve um investimento maciço que afasta investimentos concorrentes que fazem parte do cotidiano das famílias. Esse investimento é direcionado pela identificação com o bebê, que é o aspecto da personalidade que assume temporariamente o controle e leva o cuidador a entrar em contato com sua própria passagem pela situação originária chamada por Winnicott de dependência absoluta. No entanto, mais do que uma habilidade de empatia, afirma que dar conta de se deixar adoecer, quer dizer, de entrar em contato com as falhas ambientais que permearam sua própria experiência de dependência. O aspecto doentio parece apontar para a presença de elementos sexuais mortíferos que vão se fazer presentes e que precisam ser aplacados de alguma maneira.

A dissociação mencionada em especial na comparação com o estado esquizoide remete à primeira cisão operada nesse momento da subjetivação, ou seja, o recalçamento primário e a contenção de uma sexualidade pulsante enquanto dimensão inconsciente do aparelho psíquico. Dessa forma, para o adulto com inconsciente e mecanismos defensivos operando, essa cisão primordial torna-se mais salientada na medida em que a dedicação aos cuidados dos bebês parece requerer uma identificação maciça com o estado de dependência. Vale a pena destacar essas duas dimensões, pois compõem a cena tanto os aspectos disruptivos de se colocar no lugar do bebê, quanto os processos recalcentes que permitem que o cuidado também esteja presente. Desse modo, o estado doentio presente no cuidado que o adulto fornece pode ser nomeado a partir do desamparo de um eu frente aos conteúdos inconscientes evocados pela situação.

A pergunta volta-se novamente para a impossibilidade da paternidade ou qualquer outro lugar de cuidado com recém-nascidos que não seja de mulheres. Na dinâmica das distinções e atribuições dos papéis de gênero na lógica patriarcal, algumas estratégias discursivas são utilizadas, como o desvio biologizante presente no argumento da gravidez. Tais estratégias podem ganhar materialidade a partir do corpo:

Logo após a concepção, ou quando já se sabe que a concepção é possível, a mulher começa a mudar sua orientação e a se preocupar com as mudanças que estão ocorrendo dentro dela. De várias formas ela é encorajada por seu próprio corpo a ficar interessada em si própria. A mãe transfere algo de seu interesse em si própria para o bebê que está crescendo dentro dela (Winnicott, 1982b, pp. 51-52).

Indo muito além das determinações fisiológicas, o autor aponta que as alterações nos corpos das mulheres durante a gravidez auxiliam a articular seu próprio narcisismo com o narcisismo dos bebês a partir do investimento que farão neles. Dessa forma, é possível compreender o corpo como uma facilitação para o desencadeamento de um processo identificatório que, este sim, pode proporcionar (ou não) o estabelecimento de uma condição em que o cuidador adapte-se às necessidades do bebê. Retira-se assim, a necessidade envolvida entre a gravidez e o cuidar de bebês e ela toma a forma de uma facilitação à identificação.

Winnicott se preocupa muito com a passagem entre a maternidade e as primeiras semanas de cuidados diretos com o recém-nascido em que o *holding* pode ou não se efetivar. O nascimento e a gravidez enquanto processos físicos ofuscam o que parece ser mais

importante, ou seja, que o estabelecimento de uma identificação com o bebê na preocupação materna primária é gestada internamente. A sensibilidade do cuidador é fruto de um trabalho interno que permite um duplo movimento: a identificação com a condição do bebê - onde se fazem presentes elementos disruptivos e desfragmentadores – e compartilhamento de um investimento narcísico que a condição do adulto só dá conta via recalçamento. Para o cuidador, seu próprio desamparo e o do bebê se confundem restaurando uma situação fundamental a todos os inícios subjetivos em que estão em jogo os movimentos de sexualização e de recalçamento.

A grande mulher

O segundo argumento de Winnicott a ser trabalhado refere-se ao seu conceito de MULHER, grafado assim pelo autor, com letras maiúsculas. Esse conceito opera como um diferenciador de gênero que justifica que mulheres possam se dedicar ao cuidado de recém-nascidos e homens não, como se explicitará mais à frente. O conteúdo descrito pelo termo MULHER refere-se aos inícios da vida humana e se faz presente nos adultos através do fenômeno que Winnicott nomeia “medo de MULHER” (Winnicott, 1982a, 1982c, 2011), o qual também será abordado neste capítulo. Adianta-se que são conceitos imprecisos e que parecem congregar diferentes posturas de Winnicott sobre os gêneros.

No texto “Este feminismo” (Winnicott, 2011) o conceito em questão é bem explorado pelo autor. Sua definição é a de que "MULHER é a mãe não-reconhecida dos primeiros estágios de vida de todo homem e de toda mulher" (Winnicott, 2011, p.193). A princípio, sua marca se faz na vida psíquica de todas as pessoas por se referir aos primórdios da vida. A qualidade de "mãe não-reconhecida" aponta para o estágio de dependência absoluta, quer dizer, não foi reconhecida porque não havia um eu do bebê para reconhecê-la. Dessa forma, para bem especificar o conceito

é necessário dizer que no começo todo mundo era *completamente* dependente de uma mulher e, depois tornou-se relativamente dependente ... Isso significa uma adaptação inicial sensível da parte de um ser humano. Esse ser humano é mulher, e geralmente mãe (Winnicott, 2011, p.192, grifo do autor).

Note-se que há a pressuposição de que em todo começo de vida psíquica pode-se identificar a presença de uma mulher. O autor não especifica em que consiste o princípio a que está se referindo. Ao mencionar "a adaptação inicial sensível de um ser humano" remete o leitor à preocupação materna primária, ou seja, está falando sobre os cuidados iniciais que

são providos à criança. Ao mesmo tempo, baseia-se no fato da gestação e do parto serem próprios de um tipo de corpo, indicando um outro princípio que não seria o dos cuidados: “Entretanto, todo homem e toda mulher crescem dentro de um útero, e todos nascem, nem que seja através de uma operação cesariana” (Winnicott, 2011, p. 192). Logo em seguida, corrige-se: “Descobrimos que o problema não é tanto que todas as pessoas estavam lá dentro [do útero] e depois nasceram, mas que no início todas as pessoas foram *dependentes* de uma mulher (Winnicott, 2011, p. 192, grifo do autor). Parece haver uma tensão sobre o que seria o princípio que definiria mais ao certo do que se trata o conceito de MULHER. Se se trata dos cuidados maternos, pode-se avaliar contextualmente cada história individual ou mesmo supor que a existência de grupos onde a subjetivação permita que se descubra um HOMEM ou qualquer outra denominação para um CUIDADOR. Se o princípio que Winnicott menciona for relativo a um tipo de corpo que pode gerar bebês em seu interior, o conceito é uma generalização naturalizante de uma função materna de cuidado que compreende que haja uma necessidade entre útero e o cuidado de crianças.

Percebe-se que ao falar de MULHER ou mesmo de seu desdobramento na ideia de medo de MULHER, Winnicott enfatiza o fato da dependência e em poucos momentos relaciona-o de alguma maneira a um corpo biológico, como na passagem citada acima. Isso indica que pretende se referir aos cuidados que acompanham a dependência do bebê. Essa possibilidade interpretativa, como já mencionado, abriria margem para a substituição da figura não reconhecida a partir de quem efetivamente cuidou da criança. Porém, ela é anulada pela saída que o autor encontra:

Podemos encontrar um novo modo de especificar a diferença entre os sexos. As mulheres o possuem [*sic*] quando se relacionam com a MULHER, através de uma identificação com ela. Para toda mulher, há sempre três mulheres: 1) o bebê menina, 2) a mãe, 3) a mãe da mãe ... Não importa se tenha bebês ou não, uma mulher está presente nessa série infinita, ela é bebê, mãe e avó; ela é mãe, bebê menina e bebê do bebê ... É tudo a mesma coisa, porque ela já começa sendo três, enquanto o homem começa com um impulso tremendo para ser um só. Um é um e completamente só, e o será cada vez mais. (Winnicott, 2011, p.193).

Aqui Winnicott elucida o indício metafísico de seu conceito feito de maiúsculas. Ao se referir ao termo MULHER colocando as mulheres numa “série infinita”, Winnicott retira o gênero feminino de sua dimensão histórica e, portanto, social e política, reservando tal

dimensão aos homens, unos, que precisam buscar se fazer de alguma forma. O status transcendente das mulheres centrado no sexo já as faz ser desde o início, não deixando espaço para outras identificações que não se deem “de útero para útero”. A essencialização da maternidade pelo sexo dá base para a a-historicidade presente no conceito MULHER. Esse aspecto de tomar a mulher pela mãe, onde se subentende a troca do gênero pelo sexo naturalizado, pode ser encontrado em outros textos winnicottianos:

É importante levar em conta que *uma mãe não só quer filhos, necessita deles ...* Ela gosta de ser continuamente importunada pelas necessidades gritantes de seus filhos mesmo que se queixe abertamente de suas obrigações familiares como sendo uma amolação (Winnicott, 1987, p.38, grifo nosso).

Dessa forma, entende-se que o conceito MULHER abarca uma tensão entre corpo e cuidado que é apagada pela definição essencializante. Essa, por fim, faz impor um corpo específico como início para os cuidados que fundam a subjetividade humana reiterando um discurso social que atrela mulheres e cuidado de crianças.

A saída metafísica apresentada para o conceito de MULHER é realizada por Winnicott (2011) no rascunho da palestra de chamada “Este feminismo” cuja data de apresentação é 1964¹². Ao que a pesquisa bibliográfica sugere, essa é uma definição tardia, sendo que sua ideia já se fazia presente em textos bem anteriores através do fenômeno do medo de MULHER, como em “Algumas reflexões sobre o significado da palavra ‘democracia’” (Winnicott, 2011), de 1950, em “Preocupação materna primária” (Winnicott, 1982c), de 1956 e em dois trabalhos de 1957, “A contribuição da mãe para a sociedade” (Winnicott, 2011) e “Um homem encara a maternidade” (Winnicott, 1982a). Esse *delay* sugere que a ideia de MULHER aparece primeiro para Winnicott a partir do fenômeno do medo e, apenas cerca de uma década e meia depois, ele se arrisca a afirmar a definição metafísica do conceito sem mencionar a ideia inicial sobre o medo, embora suas

¹² A ideia presente na definição de MULHER feita em 1964 está presente também em uma nota de rodapé do livro *Natureza Humana* (cf. Winnicott, 1990, p.65). Ali o autor afirma que toda mulher é um trio (de três mulheres) durante a relação sexual. Winnicott não desdobra a especificidade do conceito na relação sexual, apenas a menciona. Segundo Claire Winnicott, no prefácio ao livro, o autor começou a escrevê-lo em 1954. Winnicott faleceu 17 anos depois, em 1971. O livro foi publicado postumamente e encontrava-se ainda inacabado. Dessa forma, não é possível afirmar em qual período essa definição foi elaborada.

características estejam presentes. Percebe-se que o conceito apresentado na palestra de 1964 centra-se da descrição da mulher transcendente excluindo os afetos que poderiam estar presentes quando se fala em medo. Dessa forma, o medo de MULHER poderia fornecer mais elementos presentes na cena originária, segundo a construção winnicottiana. Esse aspecto será trabalhado mais à frente.

Por ora, vale mencionar alguns trechos onde o autor levanta elementos que vão na direção contrária da naturalização de mulheres como figuras de cuidado a partir de seus corpos.

Clare Winnicott em sua introdução ao livro *Privação e delinquência* (Winnicott, 1987) e Adam Phillips (2006) apontam como o período da guerra impactou os estudos winnicottianos. Winnicott assumiu o posto de Psiquiatra Consultor do Plano de Evacuação Governamental numa área de recepção de crianças na Inglaterra. Os autores localizam essa experiência do psicanalista como de grande relevância para suas elaborações teóricas durante a guerra e no pós-guerra. Desse modo, Winnicott dedicou muito de seu trabalho para compreender, avaliar e reduzir os impactos da guerra para as famílias que precisavam se separar, grande parte desses estudos estão reunidos no livro acima mencionado. Como de costume, o autor se debruça principalmente na relação entre mães e filhos. No texto “A mãe separada do filho”, Winnicott (1987) se volta para a difícil situação de uma mãe que teve seu filho evacuado e precisa recebê-lo novamente em seus cuidados:

Haverá um período, por mais breve que seja, após o regresso dos filhos, em que a mãe terá que fingir para as crianças que está disponível para elas, e fingir que necessita delas tanto quanto antes de serem evacuadas; terá que fingir porque, nos primeiros tempos, não se sentirá preparada para isso (Winnicott, 1987, p. 39).

O fingimento da mãe em questão traz à tona algo parecido ao estabelecimento da preocupação materna primária, pois novamente “é preciso tempo para reajustar seu íntimo ... para receber os filhos de volta” (Winnicott, 1987, p.39). Pode-se fazer um paralelo com a função da gravidez no despertar da capacidade de adaptação materna, sendo que, no caso dessa reorganização com o retorno da criança evacuada, não há a sensibilização promovida pelas “mudanças fisiológicas” (Winnicott, 1982b, p.51). Winnicott não explica o que significa esse reajuste do íntimo da mãe, apenas menciona em seguida que ela corre um risco de fracassar em sua tentativa de reajustamento. Parece mais sensato imaginar que para receber uma criança, seja a que retorna, seja pela primeira vez, é preciso uma negociação

interna de desejos e identificações. Exatamente por não ser natural, mas sempre um encontro sexual, o encontro com a criança exige trabalho: de amor, de luto, de identificação etc.

O fingimento da mulher que se esforça para ser mãe novamente também vai de encontro à explicação do autor sobre o que é a MULHER, É de se pensar que se uma mãe tem que fingir para retomar o amor pelos filhos, esse amor não é garantido pela existência de seu útero ou, de modo mais geral, pela sua participação na linhagem a-histórica das mulheres que são sempre e, desde o início, mães (Winnicott, 2011).

Winnicott indica que o medo de ter que realizar um reajuste interno refere-se ao risco de fracassar. Não chega a afirmar que o reajuste é muito penoso porque talvez ela não queira ser mãe, que pode haver conflito com relação a isso. No entanto, indica também uma expectativa que não é só de mães e mulheres, mas social, e que incentivos são importantes para que tudo saia como o esperado: que mulheres virem mães, no sentido de serem elas que cuidam de bebês. Ao falar sobre o conhecimento de uma mãe diante de um bebê pela primeira vez, o autor narra:

Você se viu absorvida, nos cuidados com o corpo do bebê, e gostou que assim fosse. Você sabia exatamente como segurar o bebê nos braços, como deitá-lo e como deixá-lo sozinho e bem instalado, para que o berço atuasse por si mesmo; você aprendeu a arranjar as roupas de modo que propiciassem conforto e conservassem o calor natural do bebê. Na verdade, você já sabia tudo isso desde menina, quando brincava de bonecas ... De fato, era através dessas pequenas coisas que você iria compreender não só que era mulher, mas uma dedicada mãe, como todas as outras (Winnicott, 1982a, p. 16).

O trecho em que se refere ao conhecimento da menina que brinca de ser mãe com bonecas é impreciso. Não é possível saber ao certo se Winnicott está afirmando que ela já sabia antes das brincadeiras, por ser mulher, ou se ficou sabendo a partir das brincadeiras. Fato é que o brincar de ser mãe está presente e futuramente a mulher pode se descobrir mãe. O ambiente facilitador não pode ser desconsiderado, ele é repleto de "incentivos sociais". Winnicott sabe e afirma a função dos incentivos: "As mães (ou as mães-substitutas) [mulheres, portanto] geralmente se mostram aptas a atingir esta condição [preocupação materna primária] e pode ser de grande utilidade dizer-lhes que se trata de uma condição passageira, da qual em breve irão se recuperar" (Winnicott, 1996, p.83).

Nessa direção, os trabalhos winnicottianos direcionados às mães podem ser muito reveladores de tais incentivos, mesmo no que tange aos aspectos teóricos que lhe dão suporte. Em “O bebê como uma organização em marcha”, Winnicott (1982a) afirma: “O bebê foi concebido em você e, a partir desse momento, tornou-se um hóspede em seu corpo. Após o nascimento, ele converteu-se num hóspede em seus braços” (p.29). O tom descritivo dessa citação carrega, ao mesmo tempo, a suposição/afirmação de uma necessidade. *Se* o bebê foi concebido no útero materno, ele passa (deve passar) para os braços da mulher-mãe. A responsabilidade pelo cuidado torna-se dela ou, em outras palavras, é incumbida a ela.

A responsabilização que permeia a aparente descrição isenta de normas feita por Winnicott fica mais evidente quando se toma a totalidade do texto. A tese central colocada pelo autor é a de que o bebê não depende da mãe, ele é uma organização em marcha, seu desenvolvimento é inato. À mulher cabe apenas atender às necessidades que ele apresenta e desfrutar ao máximo dos prazeres gerados pela maternidade. Essa ideia – “O bebê não depende de você para crescer e desenvolver-se” (Winnicott, 1982a, p. 29) - é conflitante com descrição winnicottiana dos estágios de *dependência* absoluta e relativa. Não caberá abordar neste trabalho os problemas teóricos que se apresentam aí, mas, junto com tal contradição - e por certo, não por acaso - o texto coloca duas ideias: 1) o bebê não depende da mãe e 2) “como poderia a mãe aprender a ser mãe de qualquer outro modo que não assumindo a plena responsabilidade?” (Winnicott, 1982a, p.26). Percebe-se o intuito do autor de suavizar a tarefa do cuidado de bebês afirmando ao longo do texto que ele se desenvolve sozinho, que as tarefas de cuidado são temporárias e que existem muitos prazeres nelas envolvidos. Assim, parece querer justificar que: “justamente no momento o seu hóspede é frágil e débil de corpo, e necessita dos cuidados especiais que promanam do seu amor” (Winnicott, 1982a, p. 29).

Fez-se até aqui uma exposição de citações de textos winnicottianos onde “incentivos” sociais e teóricos são apresentados para aproximar mulheres da maternidade como forma de fazer oposição, a partir do próprio autor. Procurou-se assim questionar os argumentos biologizantes e essencializantes que ele formula ao discutir o estabelecimento da preocupação materna primária através da gravidez e de que mulheres se inserem na linhagem a-histórica da MULHER a partir de seu útero, o que lhes proveria capacidade exclusiva de participar da cena originária.

Percebe-se que a discussão dessas ideias traz à tona algumas características conflitantes que se fazem presentes no cuidado e que ficam apagadas na teorização

winnicottiana. O exemplo da mãe que precisa fingir seu amor e realizar um reajustamento interno para se a ver de fato com as tarefas de cuidado evidencia que é preciso haver trabalho, e porque não trabalho de recalçamento. O fingimento traz consigo o desejo de não cuidar, algo que pode se deduzir latente no interior do holding. Quando a criança volta, a mãe tem que fingir que está disponível, “fingir que necessita deles tanto quanto antes de serem evacuadas” (Winnicott, 1987, p. 39). A analidade latente no sentido de se evacuar uma criança ajuda na aproximação desse conteúdo latente. Há prazer na retenção e na eliminação. A criança evacuada pode tornar-se indesejável, um alívio mandá-la embora. Seguindo com essa metáfora, o trabalho de reajustamento interno que se segue à evacuação refere-se ao recalçamento necessário para a retenção dentro do cuidador da identificação que mantém o cuidado, essa que é muito facilitada/incentivada para as mulheres. Haveria algo assim na paternidade? Para que pais assumam as tarefas de cuidado é preciso também que façam tal ajustamento, sustentando dentro de si elementos prazerosos e indesejáveis? Se sim, seriam esses elementos indesejáveis ameaçadores demais aos homens para que haja tanta mobilização teórica e social no sentido de atribuir às mulheres os cuidados de bebês?

Homens e Cuidado

Uma vez que o conceito de MULHER é dessencializado a partir da crítica da naturalização do útero que lhe dá fundamento, é possível tomá-lo a serviço da análise sobre os cuidados generificados. Ele serve para a compreensão de especificidades dos dois gêneros, como o autor afirma: “é necessário que exista o termo MULHER, um termo que torna possível a comparação entre homens e mulheres” (Winnicott, 2011, p. 192). Ao concebê-lo como central para compreender as diferenças entre os gêneros e, como se procurou demonstrar, possui implicação sobre os cuidados infantis fornecidos por mulheres, cabe investigar também seus impactos sobre os homens.

A assepsia afetiva encontrada na definição tardia de MULHER da palestra “Este feminismo” requer que se volte para os primeiros usos do termo na expressão medo de MULHER. Aqui, já de início, o afeto se impõe mais claramente auxiliando a investigação psicanalítica. A respeito dessa ideia, Winnicott escreve:

É conhecida a raiz desse medo da MULHER. Relaciona-se com o fato de que na história mais remota de todo indivíduo que se desenvolve adequadamente e é são, e que foi capaz de se encontrar a si mesmo, existe um débito para com uma mulher – aquela que se devotou a ele quando ele era bebê, e cuja devoção foi absolutamente

essencial para o desenvolvimento saudável desse indivíduo. Essa dependência original não é recordada, exceto quando o medo da MULHER representar o primeiro estágio desse reconhecimento (Winnicott, 2011, pp. 263-264, grifo nosso).

Assim, por medo de MULHER Winnicott entende o não reconhecimento da dependência absoluta, a qual, para o autor, é composta necessariamente pelo bebê e por uma mulher que se devota a ele através de cuidados físicos. Segundo Winnicott (2011), essa configuração gera um medo “universal” (p.263), já que, calcado no fato da dependência, remete aos primeiros momentos da vida de todos, ou seja, quando o bebê e a mãe são uma só unidade (Winnicott, 1996).

Antes de adentrar na investigação sobre o medo de MULHER e suas implicações para homens e o cuidado de recém-nascidos, é importante mencionar que Winnicott compreende o conceito também a partir de uma dinâmica social:

Esse medo da MULHER é um poderoso agente na estrutura da sociedade, responsável pelo fato de a mulher manter as rédeas políticas em muito poucas sociedades. Também é responsável pelo enorme volume de crueldade contra as mulheres, que pode ser encontrado em costumes aceitos em quase todas as civilizações (Winnicott, 2011, p. 263).

Dessa forma, o autor aponta uma relação entre a vivência psíquica que descreve através desse conceito e uma ordem social de gênero que subjuga mulheres a homens. Essa parece uma direção interessante a ser trabalhada para se discutir as diferenças de gênero no cuidado de bebês a partir da psicanálise winnicottiana. Para tanto, é preciso também desmontar as naturalizações que o Winnicott emprega em seus textos e que acabam por endossar através da psicanálise a mesma hierarquia social de poder que vislumbra no trecho acima.

O medo de MULHER é então um medo da dependência radical que todos experienciam por terem se unido a uma mulher. Para o homem há um impedimento maior, uma vez que ele “não pode fazer o que a mulher faz, esse fundir-se na linhagem, sem violar a essência de sua natureza” (Winnicott, 2011, p. 193). Winnicott se refere como essência da natureza masculina o ser único, o que se sustenta em seu raciocínio pela falta de útero que proporcionaria uma identificação natural. Porém, chama mais a atenção o risco presente de que se possa *viol*ar alguma particularidade atribuída a esse gênero. Ao falar sobre o início da formação do eu durante os cuidados da dependência absoluta, Winnicott afirma:

É possível satisfazer um impulso oral e ao fazê-lo *violar* a função do ego da criança, ou do que será mais tarde zelosamente mantido como o seu *self*, o núcleo da personalidade. Uma satisfação alimentar pode ser uma sedução e pode ser traumática se chega à criança sem apoio do funcionamento do ego (Winnicott, 1982b, p. 56, grifos do autor).

O processo de amadurecimento descrito por Winnicott (1982b) privilegia a todo o momento o movimento ptolomaico da constituição subjetiva em que palavras como continuidade, estabilidade, integração, unidade, dentre várias outras, são muito valorizadas. Embora a partir do estágio da dependência relativa haja um lugar de importância para as violações da onipotência infantil – uma função positiva das falhas ambientais –, o autor não toma como fundantes os traumas e seduções que permeiam a dependência absoluta. As violações durante esse período acabam sendo entendidas como problemas de percurso que devem ser evitados por um ambiente suficientemente bom. Mesmo assim, as violações estão presentes:

Há toda a razão para que as mães permitam aos filhos o máximo de contato que eles queiram. Sem dúvida, as sensações dos bebês são, neste aspecto, muito penetrantes e, se são penetrantes, podemos estar certos de que são importantes (Winnicott, 1982a, pp. 50-51).

Dessa forma, os perigos envolvidos na dependência absoluta reaparecem na vida adulta como medo do poder que a mãe tinha nesse período. Pode-se dizer, medo da mãe que penetra o bebê, algo que aparece em uma das poucas e breves descrições winnicottianas desse fenômeno, como se percebe em uma nota de rodapé:

Podemos entender melhor a ideia [medo de MULHER] se nos aproximarmos dela gradualmente:

a) medo dos pais¹³, na infância muito precoce;

¹³ É difícil compreender se Winnicott está se referindo a pais como o casal parental como um todo ou às figuras masculinas apenas. Não faz sentido em sua teoria localizar no momento de dependência absoluta a figura paterna, uma vez que nem mesmo a mãe pode ser reconhecida como objeto separado de si pelo eu nascente. A própria ideia de que nesse período possa haver a vivência de medo, um afeto complexo demais para um bebê, já indica o caráter a posteriori dessa aproximação gradual de Winnicott à infância mais primitiva. Atentando-se a

b) medo da figura combinada: uma mulher que tenha muitos poderes, inclusive potência masculina (a imagem da feiticeira);

c) medo da mãe, que teve um poder absoluto no início da existência infantil: o poder de prover ou de fracassar em prover as bases para o estabelecimento inicial do *self* individual (Winnicott, 2011, p. 263).

As agonias primitivas (cf. Winnicott, 1994, pp. 70-81) que acompanham as falhas ambientais experienciadas pelo bebê winnicottiano no período da dependência absoluta são comumente identificadas pelo autor como o cair para sempre, o retornar ao estado de não integração, o despersonalizar, etc. (cf. Winnicott, 1994, p. 72). Quando descreve o medo de MULHER presente nos adultos, outras palavras identificam tais ansiedades. A começar por “medo”, mas também seus complementos como medo da dependência, medo da potência da mãe, medo de seu poder e, por fim, medo de ser dominado por ela:

Se não houver um verdadeiro reconhecimento do papel da mãe, então permanecerá em nós um vago medo de dependência. Esse medo adquire por vezes a forma de um medo à mulher, em geral, ou a uma determinada mulher; e, noutras ocasiões, assumirá formas menos facilmente reconhecíveis, mas incluindo sempre o medo de ser dominado (Winnicott, 1982a, p.11).

Na continuação da citação Winnicott estabelece uma interessante relação entre o medo de ser dominado e o gosto das pessoas por regimes antidemocráticos e personagens ditadores. O não reconhecimento da dependência faz com que o medo de ser dominado seja também desejo, pode ser satisfeito e limitado ao mesmo tempo quando há uma figura de dominação.

É importante ressaltar que, segundo o autor, o medo da MULHER ou medo da dependência/dominação é um fato universal e se aplica tanto para homens quanto para mulheres, mas serve também como forma de diferenciação dos gêneros, como já mencionado. Na construção da maternidade e da paternidade, esse parece ser um diferenciador importante, pois a mãe-mulher pode entrar em contato com a experiência de ser

isso, na hipótese do autor estar se referindo à figura paterna, pode-se perceber mais indícios de como as identificações de gênero permeiam o recalçamento de aspectos sexuais presentes na situação originária.

dominada presente na sua entrada permitida na situação originária e, de uma forma geral, os homens não podem ou não devem participar desse período.

A caracterização winnicottiana das funções paternas ao longo do processo maturacional pode auxiliar na problematização sobre o medo de MULHER e seu impacto na paternidade. Como sintetiza Rosa (2014), no período da dependência absoluta, o pai não tem uma relação direta com o bebê, uma vez que só há a unidade mãe-bebê, tendo função indireta sobre a criança. Dessa forma, “a qualidade de sua presença no ambiente ... modula o espírito da mãe: o sentimento de estar protegida e amparada depende, em grande parte, do que o pai é capaz de oferecer” (p. 26). Partindo da elaboração da ideia de um medo da MULHER, a proteção fornecida pelo pai ao bebê, indiretamente, e à mãe é também uma autoproteção contra o perigo de ser dominado caso tivesse que assumir para si mesmo a imersão na unidade com o recém-nascido.

A implicação paterna seria impossível na dependência absoluta já que não há como o bebê o reconhecer, mas, como afirma Rosa (2014), na dependência relativa, isso pode ser feito gradualmente, pois a mãe começa a se desadaptar. A criança já pode estabelecer um “eu sou”, ou seja, um eu diferenciado da mãe, e passar a adentrar nas relações triangulares. Nesse momento, o pai passa ser aos poucos reconhecido como a duplicação de algumas características do cuidado materno. Nas palavras de Winnicott:

Ele acaba entrando na vida da criança como um aspecto da mãe que é duro, severo, implacável, intransigente, indestrutível, e que, em circunstâncias favoráveis, vai gradualmente se tornando aquele homem que se transforma num ser humano, alguém que pode ser temido, odiado, amado, respeitado (Winnicott, 2011, p. 127).

A ressonância sexual presente nesses termos faz com que sejam facilmente trocados por ereto, penetrante, impenetrável e inviolável. Dessa forma, cria-se uma figura de homem, seja a do pai ou não, que parece apontar para uma resposta ao desejo/medo da dominação que Winnicott denomina medo de MULHER. A partir disso, constrói-se por um lado um lugar identificatório de dominância e proteção e, por outro, em contrapartida, um de dependência dessa proteção de domínio. Os termos sugerem também fantasias de tipo sadomasoquista presentes no cuidado fornecido por homens, já que a reabertura da cena originária evocaria todas essas defesas dominadoras construídas contra aquela identificação com a dependência do bebê.

Através dessas ideias, pode-se dizer que Winnicott sinaliza que a identificação dos bebês e a construção de identidades do gênero homem passa, antes de chegar no pai, pela relação de uma dependência radical presente nos cuidados com o bebê. A partir disso, surgem as polaridades ser dominado/dominar, ser violado/proteger. O conteúdo sexual que aos poucos vai se entrevendo nesse medo de MULHER torna-se um dificultador para a aproximação de homens da revivescência da dependência absoluta através da identificação com o bebê por meio do fornecimento de cuidados a eles.

Duas formas de desamparo se aproximam a partir da ideia de medo de MULHER, a do bebê winnicottiano e a dos homens. Do ponto de vista winnicottiano, a dependência radical das origens da vida psíquica alerta para os excessos gerados pelas falhas ambientais presentes nos cuidados físicos e que ultrapassam as capacidades do eu nascente, gerando uma descontinuidade do ser para o bebê. O trabalho do vocabulário e das ideias winnicottianas traz à tona o desamparo do adulto que reexperimenta a cena originária a partir dos cuidados já com suas defesas: há um eu que é atacado por conteúdos sexuais e dos quais suas identificações de gênero tentam lhe proteger. Mesmo identificado, o desamparo do adulto não é o desamparo do bebê, pois a marca do recalçamento se mostra presente e a sexualidade inconsciente evocada atinge as identificações de gênero.

E o analista Winnicott?

No texto “O recém-nascido e sua mãe”, uma tensão parece percorrer a expressividade de Winnicott. Trata-se de uma conferência proferida para pediatras em um simpósio sobre “Os problemas fisiológicos, neurológicos e psicológicos do recém-nascido” em Roma, 1964. No início de sua fala, faz uma ressalva ao dizer “mãe” – como parte última das condições ambientais que deve necessariamente compor a descrição de um recém-nascido: “se eu disser ‘a mãe’ muito mais vezes que ‘o pai’, espero que os pais me compreendam” (Winnicott, 1996, p. 29). O autor não explica o que deve ser compreendido. Embora o título da conferência e em vários momentos refira-se à figura da mãe, Winnicott menciona também as palavras “pessoa” e “ser humano” para dizer sobre os bebês e aqueles que se dedicam aos seus cuidados, termos esses que retiram as marcas de gênero da descrição winnicottiana. Percebe-se que é importante para o conferencista caracterizar a situação originária – o recém-nascido e sua mãe – como uma situação humana, “de uma forma que nenhuma máquina pode imitar, e que não pode ser ensinada” (Winnicott, 1996, p.30). A utilização dos termos acima mencionados segue a argumentação humanizadora, provavelmente por se tratar de um

simpósio também composto pela fisiologia e pela neurologia. Dessa forma, Winnicott dedica a maior parte de sua fala para demonstrar com ideias e casos clínicos a especificidade da contribuição da psicanálise para aquele debate. No entanto, a suspeita sobre uma tensão a respeito da nomeação do cuidador, no que diz respeito à retirada dos gêneros, em especial da mãe como detentora única desse lugar de cuidado, volta-se para a seguinte passagem: “Acho que os pediatras, em geral, são pessoas capazes de se identificar com o bebê e segurá-lo [*holding*], e talvez seja esta capacidade de identificação que atraia as pessoas para a pediatria” (Winnicott, 1996, p. 31). Grande parte de seu público de pediatras é, muito provavelmente, composto por homens, talvez majoritariamente masculino, e se dedica ao cuidado de crianças. Assim, a costumeira afirmação winnicottiana que atribui às mulheres e ao materno a grande capacidade de identificação com bebês é por ele flexibilizada e expandida sem pesar tanto na marcação do gênero.

A mesma contraposição, de que homens também são capazes de se identificar com bebês, pode ser colocada a partir do próprio Winnicott. Pediatra e psicanalista, o interesse de Winnicott por bebês é bastante evidente. Como já mencionado, sua preferência pessoal por se voltar para a relação mãe-bebê é uma característica reconhecida por ele próprio e que alguns autores procuram articular com seu contexto social e elementos de sua infância (eg. Phillips, 2006). Para além disso, o importante a ser enfatizado aqui, em primeiro lugar, são os efeitos teóricos dessa preferência no âmbito teórico e prático da psicanálise, bem como seus impactos dentro da dinâmica social. Em segundo lugar, abre-se a possibilidade de colocar na discussão sobre o cuidado de bebês as próprias identificações que Winnicott apresenta em seu fazer teórico.

Também em sua prática clínica, Winnicott permite-se constantemente ser usado por seus pacientes para regredirem às fases iniciais de seu amadurecimento onde as falhas ambientais se instalaram. Assim, propicia que o paciente reviva novamente falhas ambientais que atrapalharam o processo maturacional, porém, dessa vez, o analista está lá como uma mãe suficientemente boa que provê apoio egoico e permite a continuidade dos processos integrativos (Winnicott, 1994). Interessante notar que mesmo enquanto analista que é capaz de adentrar com seu paciente nos primeiros estágios da dependência e fornecer *holding*, é a partir da inevitável falha desse cuidado que o paciente pode reaver o impulso integrativo. Desamparar a criança falhando tem uma função importante na obra e atuação de Winnicott.

Tanto o fazer teórico quanto a prática clínica de Winnicott podem ser contrapostos à taxativa afirmação de que mulheres são mais capazes de se identificar com recém-nascidos e que, portanto, devem assumir a responsabilidade em criá-los. Tal contraposição auxilia na relativização dos lugares de cuidado naturalizados a partir dos gêneros. Mesmo vivendo em um contexto muito mais determinado no que diz respeito as separações e ordenações de gênero que o atual, Winnicott transita pelos lugares pré-estipulados para o cuidado a partir de suas próprias identificações, o que o torna um exemplo importante de contra as naturalizações que procura promover.

A utilização da vida profissional de Winnicott serve como recurso para a flexibilização da função de cuidador pré-estipulada a partir dos gêneros. Ao mesmo tempo, vale apontar também as evitações do autor.

Quero que você [mãe leitora] saiba o seguinte: este homem, agradavelmente desprendido da vida real, livre do barulho, do cheiro e da responsabilidade de cuidar de uma criança, sabe, na realidade, que a mãe de um bebê está conhecendo o gosto de coisas concretas e palpáveis, e não perderia semelhante experiência por coisa alguma deste mundo (Winnicott, 1982a, p.16).

Embora seja um admirador e esteja tão próximo da “boa mãe comum”, Winnicott sabe a diferença que o separa, e a maioria dos homens, da dedicação ao cuidado de recém-nascidos: as tarefas concretas e palpáveis estimuladas por ele ficam – e, para ele, devem ficar – a cargo das mulheres. Assim, pode si considerar a partir de uma das funções paternas de “dar suporte moral à boa mãe comum” (Winnicott, 2011, p. 121), ou seja, um homem que fala sobre maternidade para mães-mulheres. Mesmo a partir desse lugar distanciado, o autor apresenta várias características pessoais e profissionais que servem, elas próprias, para afirmar sua capacidade de aproximação e identificação com elementos da dependência absoluta.

Sob o enfoque das relações desiguais de gênero, outro elemento na definição do que significa o *holding* e seu estabelecimento como encargo das mulheres deve ser ressaltado. Winnicott (1996) lembra que a expressão “[*to be left*¹⁴] *holding the baby* tem sentido preciso em inglês; alguém que o estava ajudando a fazer alguma coisa desapareceu e você ficou ‘segurando o bebê’” (p.14). A atribuição winnicottiana da atividade de *holding* às mulheres

¹⁴ O acréscimo aqui introduzido é feito em nota pelo tradutor.

parece consistir em uma estratégia social de conformação de hierarquias de gênero através da psicanálise.

Quando Winnicott (2011) aponta para consequências totalitárias do medo da MULHER, afirma que com a dominação quanto com a submissão como formas de controlar a mulher da infância primitiva na fantasia. Ao falar do polo dominador, entende que

se estudarmos a psicologia do ditador, é de esperar que se encontre, entre outras coisas, que em sua luta pessoal está tentando esforçadamente controlar a mulher cujo domínio ele inconscientemente ainda teme, procurando controlá-la servindo-a, atuando para ela e, por seu turno, exigindo total sujeição e ‘amor’ (Winnicott, 1982a, p.11).

O medo de MULHER enquanto um fenômeno social fornece elementos para sustentar a hipótese de que o desamparo presente na situação originária a partir da dependência radical do bebê retorna como conteúdo atacante ao eu engendrando formas defensivas de dominação no âmbito das identificações.

Neste capítulo procurou-se desconstruir a biologização presente nos argumentos winnicottianos que consolidam mulheres como destinadas ao cuidado de crianças e afastam homens dessas atividades. Considerando que as alterações no corpo da gestante possam facilitar o surgimento de uma grande identificação com o bebê, não por motivos fisiológicos, mas através dos sentidos criados pela expectativa social depositada nesse momento, não há outros motivos que permitam a naturalização generificada da capacidade de cuidado de bebês e crianças. A afirmação de Winnicott (1982a) sobre sua incapacidade de saber sobre o cuidado efetivo com bebês contradiz sua própria atuação clínica em que o psicanalista se mostra bastante capaz de se identificar e oferecer um ambiente suficientemente bom para seus pacientes regredidos à dependência absoluta. O medo de MULHER parece evocar um desamparo dos homens presente na revivescência da situação originária que é então evitado a partir de uma ordem social de dominação das mulheres.

O que o Vento Levanta: O Desamparo de Rahne

Si le vent soulève les sables é uma narrativa que pode ser descrita por dois eixos principais, os quais são apontados também por Hänsel (Télé Bruxelles, 2013). O primeiro diz respeito aos infortúnios que uma família vive ao se ver obrigada a atravessar desertos e conflitos armados. O mote desse eixo é o sofrimento cujo fundamento é a natureza. Como o título sugere, o que acontece poderia ser visto como a interação entre dois elementos naturais, vento e areia. O argumento é que a falta de água encabeça a maioria dos eventos que se desenrolam na narrativa. Sobre essa linha de análise foi discutido no primeiro capítulo deste trabalho a impossibilidade de falar sobre um desamparo que se coloque apenas em um nível não cultural e não pulsional. Dessa forma, o sofrimento gerado pela natureza toma um caráter político de denúncia e apelo.

O segundo eixo refere-se ao relacionamento familiar. Inicialmente retrata-se uma família dentro de uma comunidade e, aos poucos, ocorre a dissolução de quase todas as relações familiares e intrafamiliares. O fio que percorre todo esse movimento centra-se na relação de paternidade e filiação entre Rahne e Shasha. Na primeira cena visualiza-se Shasha bebê no colo de sua mãe e na última ela está sentada na perna do pai. A partir dessa dimensão do filme compreende-se que tanto eventos naturais quanto os elementos sociais dispostos ao longo da narrativa conjugam-se para tratar dos aspectos relativos à família, a quem vive o drama.

Mesmo repleto de silêncio e tomadas longas, o filme abarca muitos elementos e possibilidades interpretativas. A produção da narrativa, bem como tudo aquilo que ela retrata - em especial, os dois eixos mencionados - são de grande complexidade, o que requer a ponderação sobre as limitações de uma abordagem que não é capaz de avançar na compreensão histórica e política de seu objeto. Sem dúvida, a apreensão dos sentidos que percorrem a narrativa é prejudicada pela análise mais distanciada. Mesmo assim, reconhecendo as limitações envolvidas e com o propósito de contemplar o objetivo deste trabalho, toma-se o filme para ser analisado a partir da interlocução entre os dois eixos mencionados sob o foco da paternidade.

A ideia de um espaço composto por objetos transicionais (Winnicott, 1975) dará base para a análise da paternidade de Rahne. A partir da transicionalidade é possível transitar na análise de aspectos aparentemente próprios de um personagem, mas conectando-o a outros.

Para analisar a paternidade de Rahne, pode-se tomá-la como uma relação entre pai e filha em que os elementos que circulam no psiquismo dela dizem respeito também a ele, considerando-a parte de seu espaço transicional. Dessa forma, cabe utilizar o procedimento winnicottiano de colocar-se do "ponto de vista do bebê" (Winnicott, 1975, p. 134) e no do adulto para adentrar na relação de cuidado.

Shasha e Pouzzi

Pode-se dizer que Shasha não é um sujeito de ação no filme, mas juntamente com Rahne, pai e filha constituem o personagem principal (Mouton, 2010). A relação entre eles inicia-se já com a primeira cena onde Shasha é caracterizada como uma boca inútil a mais para alimentar. O bebê é concebido por essa fala através de seus representantes biológicos e despossuído de subjetividade, embora tal representação aconteça a partir já de sua inserção nas categorias de gênero, é um bebê-menina. Há aqui a mesma passagem natureza-cultura discutida no primeiro capítulo, uma vez que, como se apresentará, tal marca retorna enquanto uma forte vinculação entre os desejos do pai e a filha.

Para evitar a morte do bebê, Mouna tem que fugir do vilarejo e retirá-lo do meio onde circulam as vontades dos homens que possuem lugar de autoridade. Mesmo permitindo o retorno da mãe e da filha. A resistência (política) da mãe fornece o abrigo cultural à filha e sua consequência pulsionalização. No entanto, não há apenas *holding*, ou seja, o colo da mãe que provê um processo de amadurecimento. O "colo do pai" inicia-se como uma objetificação naturalizante do bebê e mantêm-se assim até quase o fim do filme. No âmbito dos investimentos de Rahne, Shasha não é um ser que precisa viver e pode ser descartado a qualquer momento, se se fizer necessário.

Pode-se dizer que é criada uma duplicidade a partir dos investimentos de Mouna e Rahne. Mouna cuida, preocupa-se com os filhos, oferece-se em sacrifício pelas vidas deles mais de uma vez. Rahne perceptivelmente diferencia seu investimento entre os filhos homens e a filha. No que diz respeito à Shasha, ele enuncia morte, tenta trocá-la pela vida de Ravil, o filho mais velho, e a oferece em sacrifício pela sua própria. Por um lado, há a figura do *holding* e, por outro, há a instauração do desamparo, respectivamente. É importante ressaltar que essa disposição polarizada entre mãe cuidadora e pai mortífero parece ser produzida pela narrativa e não deve ser tomada como regra. Como se procurou afirmar no capítulo anterior, independentemente de gêneros, a atividade de *holding* é sempre acompanhada por desejos conflituosos.

Há uma valorização do olhar das crianças no filme, em especial, o olhar de Shasha, os quais apresentam essa dualidade do investimento dos pais. A valorização é verbalizada inicialmente em um embate entre Lassong, o militar que mata os desesperados para benefício próprio, e Mouna. Em uma cena em que Lassong vai ao acampamento das famílias e pega Shasha no colo, ele alerta Rahne de que deve ter cuidado, pois existem pessoas naquela região que roubam os olhos de crianças. Ao ouvir isso, Mouna retira Shasha do colo do militar e diz ofensivamente que ninguém irá roubar os olhos de seus filhos. Em outro momento, já próximo do fim da narrativa, quando Mouna está deitada e prestes a morrer, ela se esforça para fazer uma pergunta que logo é compreendida por Rahne. Ele a completa respondendo e tranquilizando-a: ninguém roubou os olhos das crianças. Mouna segue o estereótipo da mãe do *holding*, a que protege e vive sua vida para os filhos, *à la* Winnicott. Ela que no início salva o bebê-menina de ser morto por Rahne e lhe dá um nome, nessa cena enfrenta Lassong, uma figura também associada à morte. Mas o que está sendo apontado aqui como o olhar das crianças? O que elas veem?

Percebe-se que a valorização do olhar das crianças também é feita pela construção cinematográfica. Várias tomadas são feitas em que a câmera é disposta de forma que o espectador olhe pelos olhos delas. O que se vê é um trânsito entre elementos que remetem à vida e à morte. Na cena em que a família é abordada por outra facção militar que defende uma fronteira e os ameaçam, um soldado atira em uma cabra. Uma rápida troca de câmeras mostra: 1) a cabra rebelde que tenta escapar da cena; 2) o soldado atirando; 3) Shasha se virando para não ver; 4) a cabra caindo. Como se apresentará mais à frente, os animais parecem carregar a marca de identificações importantes para o narcisismo dos personagens. No caso de Shasha, esse lugar aparece a partir de seu cuidado de cabras.

Outro olhar muito marcante é o de Ako. A família é atacada pelo terceiro grupo militarizado, esse constituído por jovens que bebem e festejam ao mesmo tempo em que parecem tão fragilizados e perdidos quanto aqueles que atacam (Mouton, 2010). Ako é feito refém por um dos jovens que aponta seu fuzil para o garoto. Durante todo o tempo em que essa cena se transcorre, Ako olha fixamente para o jovem com o fuzil. Mesmo quando o carro com os jovens armados se afasta, sem vacilar o olhar ele encara aquele que o apontava o fuzil enquanto passa a mão no peito onde ficava seu amuleto da sorte (ele o havia perdido). Ali mesmo, onde havia o amuleto, leva um tiro. De volta aos olhos de Shasha, na cena do rapaz agonizante, após o grupo deixá-lo e seguir seu caminho, ela afasta-se dos familiares, volta seu olhar para o garoto no chão e fita-o por um tempo. A câmera centraliza-o entre o céu e o

deserto. Em seguida, ela sai correndo em direção ao grupo e segura a mão de Mouna. Por fim, é também através do olhar de Shasha que se vê os aviões no céu ou a ausência deles, como mencionado anteriormente.

Dessa forma, o olhar das crianças parece indicar um trânsito entre elementos que se voltam para a sustentação narcísica e outros para sua ruptura. Principalmente com Shasha, cujo investimento paterno a coloca para morrer, vê-se uma alternância entre ver a morte a partir dos próprios olhos e a busca por elementos menos mortíferos para a consistência de seu narcisismo. Percebe-se que esse entra em colapso após a morte de Imi, sua cabra de estimação. Também nessa cena ela parece não querer ver que a cabra morreu, tenta forçá-la a ficar de pé, diz aos pais que ela vai se levantar. Em seguida, nos braços da mãe olha a cabra morta ficando para trás. Imi representa o cuidado fornecido pela mãe, o que faz a criança repetidas vezes ao longo do filme cuidar da cabra preocupando-se se ela está viva ou morta. Depois que Imi morre, a garota passa a ter alucinações em que ela está machucada e brincando com os irmãos que também perdeu.

Para além de uma análise da personagem Shasha, o que ela parece indicar pelo olhar de criança é a junção perturbadora da sexualidade mortífera a todo o investimento narcísico. Nesse caso, o conteúdo disruptivo vincula-se a Rahne. Algumas denúncias da menina articulam tais conteúdos e o desejo do pai. A começar pela troca de nomes: observa-se que da mesma forma que não foi nomeada pelo pai, Shasha não se permite nomear Rahne, nem pelo nome, nem por *pai*. Ela cria um apelido, *Pouzzi*, o qual ele reprova em uma das primeiras cenas do filme e na última. Com a troca de nomes, ela devolve a hostilidade presente no desejo dele e zomba de suas fragilidades, como se abordará mais à frente.

Outra denúncia do desejo mortífero do pai com o qual tem que lidar é realizada por Shasha na cena na qual Rahne é coagido pelos rebeldes a se lançar em um campo minado para descobrir um caminho sem minas. Para não se expor a esse risco, ele envia Shasha em seu lugar. A garota ri quando Rahne explica que ela deve evitar os artefatos pretos, pois se não ela irá explodir. Transcorrido o percurso pelo campo, no qual ela se lança sem qualquer dificuldade, Shasha volta-se para o pai e direciona seu olhar: “*Viu, Pouzzi? Eu não explodi!*¹⁵”. Ao mesmo tempo em que a menina aceita como uma tarefa sua ser colocada em risco pelo pai, devolve a ele a ineficiência do desejo implícito de que ela exploda. Aqui a

¹⁵ “*Tu vois, Pouzzi? Je n’ai pas explosé!*”.

metáfora do olhar dá destaque novamente ao valor dos olhos das crianças no filme, são eles que se esforçam para transpor o desamparo diante da sexualidade que lhes atacam.

Sob o ponto de vista de Shasha muito pode ser apreendido da paternidade de Rahne. De várias formas, Shasha está dizendo ao pai que ele não consegue ver. O olhar da garota vai sempre mais além do que o olhar do pai. Durante uma de suas alucinações em que vê sua cabra Imi sangrando e brincando com Ako, Rahne diz à filha: “Eu não estou *vendo* nada, Shasha”. Ela responde: “É normal, você nunca *vê* nada¹⁶”.

É Shasha quem aponta as péssimas decisões tomadas pelo pai. Em conversa quando os dois são os únicos que restaram, transcorre o diálogo:

Shasha: Você acha que nós vamos morrer?

Rahne: Eu acho que não.

Shasha: Todo mundo morre por causa de você.

Rahne: Por que você disse isso?

Shasha: Porque eu sei¹⁷.

Em um dos planos de interpretação desse diálogo, Shasha, que transita pelas dimensões que a cena comporta (Mouton, 2010), está dizendo que sabe dos desejos mortíferos que o pai fez penetrar no *holding* materno durante a situação originária. Em outro plano de interpretação, ela está responsabilizando o pai por toda a desgraça que ocorre ao longo da narrativa. Ela evidencia para o pai o conteúdo inconsciente de suas más decisões, as quais, desde o início, se mostram equivocadas e os faz ficar perdidos no deserto e aprofundar cada vez mais.

A última cena do filme é marcada pelo foco em Shasha sentada no colo de Rahne formando uma unidade. A relação de ambos com animais os aproxima e percorre os sentidos presentes na última fala. A filha vê o sofrimento de Rahne e finaliza o filme dizendo: “Esse é o meu Pouzzi. Ele está triste porque perdeu sua Chamelle”¹⁸. O cuidado de Shasha com Imi

¹⁶ “Moi, je vois rien, Shasha” / “C’est normal. Toi, tu vois jamais rien”.

¹⁷ “Tu crois qu’on nous allons mourir?” / “Je ne les pense pas” / “Tout le monde est mort à cause de toi pourtant” / “Pourquoi tu dis ça?” / “Parce que je le sais”.

¹⁸ “C’est ma Pouzzi. Il est triste parce que il a perdu sa Chamelle”.

conecta-a ao pai que também possui um animal para cuidar, sua camela, Chamelle¹⁹. Para ambos, os animais ocupam o lugar de um objeto transicional. A cena que precede o desfecho do filme retrata muito bem essa união quando pai e filha quase mortos e delirantes decidem descansar no meio do deserto. Shasha no colo do pai e ele escorado em Chamelle. Nesse momento da narrativa, Rahne passa a acolher Shasha, mas a cena evidencia como a camela, sua figura de cuidado, não faz nem sombra suficiente para livrá-los da morte iminente indicando a precariedade do cuidado que os atravessa.

Comparando a ideia de objeto transicional com o conceito kleiniano de objeto interno, Winnicott (1975) frisa que a diferença entre eles é que o transicional não é um objeto mental, nem um objeto interno, ele é criado na área de ilusão intermediária como uma possessão. Na análise do conceito o autor afirma que os primeiros objetos subjetivos que promoveram a satisfação das necessidades físicas, em especial, o seio, tornam-se as primeiras possessões não eu na área transicional. Laplanche (1988) reformula tal proposição para uma "primeira possessão eu", indicando o processo de fechamento egoico a partir desses elementos que conectam a vida psíquica do bebê com o adulto do cuidado. Dessa forma, os objetos transicionais trazem a tona o trabalho de domínio do sexual adulto necessário no processo narcísico, como Winnicott (1975) aponta: “o objeto transicional jamais está sob controle mágico, como o objeto interno, nem tampouco fora de controle, como a mãe real” (p. 24).

Rahne, por sua vez, adota uma camela como alvo de suas preocupações. Quando a família é atacada enquanto dormia pelos jovens rebeldes, Rahne acorda assustado e um garoto o ameaça com um rifle dizendo: “me dê tudo o que tem. Sua esposa, suas cabras, seu dinheiro. Agora!²⁰”. Rahne parece se ausentar da cena olhando ao redor e, no lugar de responder de alguma forma ao risco da cena, ele diz “eu não *vejo* mais a Chamelle²¹”. É de chamar a atenção que toda a família estava em perigo e ele interessasse mais em saber do paradeiro do camelo. Também ao final do filme, a mulher branca conta que encontrou os dois quase mortos e diz que Shasha estava delirando, ele olha lentamente para a filha, volta o olhar para a mulher e pergunta: “você viu uma camela?²²”. Novamente a fragilidade envolvida na

¹⁹ Em francês *chamelle* é substantivo feminino de camelo. No entanto, em vários momentos tal substantivo adquire a forma de um nome próprio.

²⁰ “Tu dois me donner tout. Ta femme, tes chèvres, tout les d'argent. Tout de suite!”.

²¹ “Je vois plus la chamelle”.

²² “Avez vous vue une chamelle?”.

cena direcionada para Shasha é suplantada pela preocupação com a camela. A importância dada por Rahne à Chamelle encontra-se registrada no título do livro Marc Durin-Valois (2002) que dá base ao filme: *Chamelle*. No filme a camela é uma figura secundária que acompanha a narrativa carregando os objetos e as mulheres. No livro, por outro lado, em suas primeiras páginas, o personagem já enuncia a importância ao tratar o animal pelo nome de *Chamelle* e refletir que aqueles que andam pelo deserto sem camelos não irão muito longe, caracterizando o animal como uma figura íntima, feminina e que possibilita a sobrevivência.

Dessa forma, também como um objeto transicional, a camela remete aos cuidados maternos. Animais parecem ocupar um lugar de costura narcísica em que os afetos podem circular de modo mais protegido. Os cuidados e preocupações direcionados à manutenção da vida dos animais apontam para identificações que recalcam os elementos inconscientes destrutivos advindos da situação originária.

A (des)união de Rahne e Shasha a partir de seus objetos transitacionais é marcante em uma cena em que Shasha está dormindo em cima da camela e, quando acorda, olha para trás procurando por Imi – novamente mostrando preocupação com a sobrevivência da cabra. Segue-se o diálogo com Rahne:

Shasha: Pouzzi, se um animal fica cansado, podemos colocá-lo na camela?

Rahne: Não, ele [o animal] iria resistir e Chamelle não gostaria disso.

Shasha: E se eu conseguisse acalmar o animal, você conseguiria acalmar Chamelle?

[Rahne responde negativamente com a cabeça. Ela prossegue:] Então precisarei carregá-lo eu mesmo²³.

A fala de Shasha indica que se o pai a ajudasse a carregar seus fardos, ela não precisaria carregá-los com o pouco de força que possui. O apelo ao cuidado do pai traz à tona a dificuldade que Shasha tem para se defender do sexual nela implantado. Ao mesmo tempo, evidência também a incapacidade de Rahne em fornecer um *holding* satisfatório por não conseguir acalmar sua Chamelle, ou seja, carregar os próprios conteúdos atacantes que lhe afligem. Nesse ponto, através de seu desamparo diante do pai e de si mesma, Shasha denuncia o desamparo de Rahne. O objeto escolhido não poderia ser mais significativo.

²³ “Pouzzi, si une bête est fatiguée, ou pourra la mettre sur le chameau?” / “Non, elle se débattrait et Chamelle ne aimerait pas ça” / “Et si je débrouillait pour que la bete se tienne tranquille, tu pourra calme Chamelle?” / “Alors, il faudra que je la porte moi-même”.

Inserida na pobreza do deserto e da falta de água, uma camela sobrevive. Rahne, no entanto, se perde e perde a quase todos que o acompanham. Enquanto objeto transicional, a camela faz a passagem de um estado de natureza para a pulsionalidade presente na vida psíquica de Rahne e, de um modo geral, de todas as metáforas de sobrevivência presentes no filme.

O que Chamelle carrega para Rahne? Observa-se que no lombo do animal alguns objetos são pendurados, junto a (ou dentre) eles estão as mulheres (Mouna e Shasha). A continuidade de gênero existente entre mãe, filha e camela parece marcar identificações de gênero importantes que dão sustentação narcísica para Rahne e as colocam em movimento ao longo da narrativa. Como já mencionado, no início do filme há elementos de composição social como a interação entre famílias, as instituições humanas solidificadas em paredes, como casas, escola, etc. Tais elementos vão se desfazendo quando o vento sopra, ou seja, à medida que a trama se aprofunda há uma desconstrução das identificações que mantém as relações comuns daquele início. Desse modo, tudo vai se desfazendo – em areia. As identificações de gênero também percorrem esse movimento que, com Winnicott (1982b), poderia ser chamado de uma regressão ao momento onde se instala a falha ambiental.

Acompanhando essa desconstrução, vê-se que rapidamente a vida social comum se desfaz. Em seguida, os amigos de Rahne morrem: Janja, o religioso e criador de gado, bem como Assombo com sua esposa e filha. A partir daí, Rahne perde os filhos. Sua preferência pelos filhos homens é evidente e parece mostrar um investimento de cuidado importante no qual o pai se esforça para retirar os filhos da infância, em especial Ravil, e fazê-los dar conta da sobrevivência no mundo adulto, um trabalho que possivelmente salvaguardou sua própria formação subjetiva. Após perder os filhos, Rahne se vê com a esposa, a filha e sua camela.

A morte lenta de Mouna remete a um processo que acompanha toda essa desconstrução. Logo no início do filme, Rahne dá um tapa em Mouna por ela ter fugido com o bebê e, em seguida, ajuda-a a estancar o sangue que escorreu de sua boca. Ao saírem pelo deserto, sangue começa a escorrer pelas pernas de Mouna, o que à primeira vista não permite saber se se trata de menstruação ou de um ferimento. A agressão à Mouna parece desencadear um forte processo de ataque à instância egoica de Rahne onde a marca da castração se conjuga com o fracasso narcísico presente no colapso de Shasha no final do filme. Assim, é como se o filme direcionasse a paternidade de Rahne a passar pelas identificações edípicas – pai, marido, filho – e a alcançar o tempo pré-edípico, período primitivo da cena originária em que as identificações binárias de gênero auxiliam a recalcar as penetrações ou violações que

acompanham a dependência absoluta. Ele se vê com (ou como) uma menina em surto, desamparada.

Numa das últimas cenas do filme, Shasha diz ter visto o irmão no acampamento onde estavam. Depois de procurar por algum tempo, Rahne se dá conta de que se trata de mais uma alucinação da filha. Ele a senta em seu colo e parece aceitar que, mesmo na precariedade mais absoluta, desejos para além da mera sobrevivência resistem e insistem em serem satisfeitos.

Conclusões

O propósito deste trabalho foi analisar o desamparo presente na paternidade. Partiu-se da hipótese de que há uma evitação cultural para que homens entrem em contato com o cuidado de bebês, evitação essa que se expressa também por teorias psicanalíticas. A ideia de desamparo consistiu na via conceitual para adentrar na investigação dessa hipótese, ou seja, de que homens vivência alguma espécie de desamparo ao se deparar com bebês.

Levantou-se e discutiu-se diferentes significações de desamparo antes de investigar a paternidade. A partir da problematização da dimensão afetiva presente na abordagem sobre o desamparo, chegou-se a três significações que se articulam: diante da natureza, dentro da relação de dependência e frente ao sexual.

Para adentrar na experiência de cuidados com bebês, buscou-se desconstruir a argumentação winnicottiana em prol do holding materno como forma de fazer trabalhar no autor suas definições sobre os papéis de gênero na dependência absoluta. Tal investigação fez coincidir o desamparo que subjaz a experiência de cuidado independentemente de gênero com dificultadores no âmbito das identificações dos homens. A experiência do cuidado de bebês por homens traz à tona conteúdos que são traduzidos como ser dominado, ser penetrado, ser violado.

Este trabalho levanta a ideia de que de que a ordem patriarcal dos gêneros organiza socialmente papéis de homens e mulheres nas funções de cuidado de forma a isentar homens de se haverem com o desamparo diante de um medo de dominação. No que diz respeito ao cuidado de bebês por homens, do ponto de vista analisado, a teoria winnicottiana sustenta uma ordem patriarcal dos gêneros reiterando-a através da psicanálise. A psicanálise pode auxiliar na desconstrução desses esquemas tradutivos de gênero no plano social, na medida em que é capaz de apontar analiticamente os processos de dominação que se instauram entre os gêneros.

Referências

- Abrantes, P. (1998). *Imagens de natureza, imagens de ciência*. Campinas, SP: Papirus.
- Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família*. (Trad. D. Flaksman). (2a ed.) Rio de Janeiro: LTC.
- Belo, F. R. R., Rêda, M. & Fidélis, K. (no prelo). Pode um pai ser cuidadoso? Crítica à teoria da paternidade em Winnicott. *Psicologia em Estudo (Online)*.
- Cinergie (2007). *Marion Hänsel: Si le vent soulève les sables*. [Entrevista]. Recuperado em 20 de junho de 2015, de http://www.cinergie.be/webzine/marion_hansel_si_le_vent_souleve_les_sables_20131202111734
- Colón, A. R. M. (2009). Maternidad: significativo naturalizado y paradójico: desde el psicoanálisis hasta el feminismo. *Psicologías, 1*. Recuperado em 15 de julho de 2015, de <http://psicologias.uprrp.edu/articulos/maternidad.pdf>
- Comel, N. E. D. (2003). *Paternidade responsável: o papel do pai na sociedade brasileira e na educação familiar*. (2a ed.). Curitiba: Juruá.
- Durin-Valois, M. (2002). *Chamelle*. France: JC Lattès.
- Ferreira, A. B. H. (2009). *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. (7a ed.). Curitiba: Positivo. 895p
- Freitas, W. M. F., Coelho, E. A. C. & Silva, A. T. M. C. (2007). Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero. *Cad. Saúde Pública, 23*(1), 137-145.
- Freud, S. (2006). O futuro de uma ilusão. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. XXI). (Trad. Jayme Salomão). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (2006). Projeto para uma psicologia científica. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. I). (Trad. Jayme Salomão). Rio de Janeiro: Imago.
- Hansel, M. (2006). *Si le vent soulève les sables*. 91 min. Bélgica/França: Man's Films.
- Hjulmand, K. (1999). Lista completa das publicações de D. W. Winnicott. *Natureza Humana, 1*(2), 459-517.
- Laplanche, J. (1988). *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. (Trad. D. Vasconcellos). Porto Alegre: Artes Médicas. 125p
- Laplanche, J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise*. (Trad. C. Berliner). São Paulo: Martins fontes. (Estante de psicanálise). 174p.

- Latour, B. (2009). *Jamais fomos modernos: ensaios de antropologia simétrica*. (2a ed.). (Trad. C. I. Costa). Rio de Janeiro: 34.
- Lebrun, J-P. (2011). *Fonction maternelle, fonction paternelle*. Bruxelas: Yapaka.
- Menezes, L. S. (2008). *Desamparo*. São Paulo: Casa do Psicólogo. (Coleção Clínica Psicanalítica)
- Mouton, J. (2010). Si le vent soulève les sables. [Dossiê]. *Cinefete 2010*. Instituto Français de Vienne. Recuperado em 20 de junho de 2015, de <http://www.kinomachtschule.at/data/sileventsoulevelessalbles.pdf>
- Phillips, A. (2006). *Winnicott*. (Trad. A. Siedschlag). Aparecida, SP: Idéias & Letras.
- Reeves, C. (2013). On the margin: the role of the father in Winnicott's writings. In J. Abram (Org.). *Donald Winnicott Today*. (pp. 358-385). London: Routledge.
- Rosa, C. D. (2014). O pai em Winnicott. In: C. D. Rosa. (Org.) *E o pai? Uma abordagem winnicottiana*. (pp.25-62). São Paulo: DWW.
- Saffioti, H. (2009). Ontogênese e Filogênese do Gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra mulheres. *Série Estudos/Ciências Sociais/FLASCO-Brasil-junho*.
- Scott, J. W. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, 20(2), 71-99.
- Sutter, C. & Bucher-Maluschke, J. S. N. F. (2008). Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina da paternidade participativa. *Psico*, 39 (1), 74-82.
- Télé Bruxelles (2013). *Rencontre avec Marion Hänsel*. [Entrevista]. Recuperado em 20 de junho de 2015, de <https://www.youtube.com/watch?v=3A2xtvnPzfA>
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. (Trad. J. O. Aguiar & V. Nobre). Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. (1982a). *A criança e o seu mundo*. (6a ed.). (Trad. A. Cabral). Rio de Janeiro: LTC.
- Winnicott, D. (1982b). *O ambiente e os processos de maturação*. (Trad. I. C. S. Ortiz). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D. (1982c). *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. (2a ed.). (Trad. J. Russo). Rio de Janeiro: F. Alves.
- Winnicott, D. W. (1987). *Privação e delinquência*. (Trad. A. Cabral). São Paulo: Martins Fontes.

- Winnicott, D. (1990). *Natureza Humana*. (Trad. D. L. Bogomoletz). Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. (1994). *Explorações psicanalíticas*. (Trad. J. O. A. Abreu). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D. W. (1996). *Os bebês e suas mães*. (Trad. J. L. Camargo). São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1999). *Conversando com os pais*. (2a ed.). (Trad. A. Cabral). São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (2011). *Tudo começa em casa*. (5a ed.). (Trad. P. Sandler). São Paulo: WMF Martins Fontes.